



BRASIL *Missionário*



ANO 1965

CEDI - P. I. B.
DATA 01/04/87
COD 0BCD02

SUMÁRIO

Isso é Roraima	pg. 5
Boa Vista, eixo de Roraima	pg. 7
S. O. S. vem de Roraima	pgs. 12 - 13
Buritis ao vento	pg. 16
O Brasil hasteado nos céus da fronteira	pg. 17
O cartão de visita de Roraima	pg. 18
Cristo nas florestas e descampados sem fim	pgs. 20 - 21 (caboclo)
Deus e a Pátria no fim do mundo brasileiro	pgs. 30 - 31
A consolata aos pés do Monte Roraima	pg. 33
Os dragões de Roraima, as estradas assassinas	pg. 35
Cristo fala muito pouco com o caboclo	pg. 35
O anjo da floresta que viu nascer o Brasil	pgs. 36 - 37
A índia menina-mulher	
Sem falar fez muita gente pensar	pg. 43

EXPEDIENTE

Diretores: Pe. Hilario Cristofolini
Pe. Natal Facchini

HOMENAGEM DE GRATIDÃO AOS COLABORADORES

Padilla Indústrias Gráficas S. A.
Artgráficas Bosatelli Ltda.
Umberto Bosatelli pelos fotolitos

Roraima é como a palmeira. A Igreja representada pelo Mons. Servilio Conti que encarna todos os missionários e leigos, realiza a obra de civilização e redenção junto do homem sub-desenvolvido e do índio, a pessoa que ela quer conhecer por nome.

SUMÁRIO

Isso é Roraima	pg. 5
Boa Vista, eixo de Roraima	pg. 7
S. O. S. vem de Roraima	pgs. 12 - 13
Buritis ao vento	pg. 16
O Brasil hasteado nos céus da fronteira	pg. 17
O cartão de visita de Roraima	pg. 18
Cristo nas florestas e descampados sem fim	pgs. 20 - 21 (caboclo)
Deus e a Pátria no fim do mundo brasileiro	pgs. 30 - 31
A consolata aos pés do Monte Roraima	pg. 33
Os dragões de Roraima, as estradas assassinas	pg. 35
Cristo fala muito pouco com o caboclo	pg. 35
O anjo da floresta que viu nascer o Brasil	pgs. 36 - 37
A índia menina-mulher Sem falar fez muita gente pensar	pg. 43

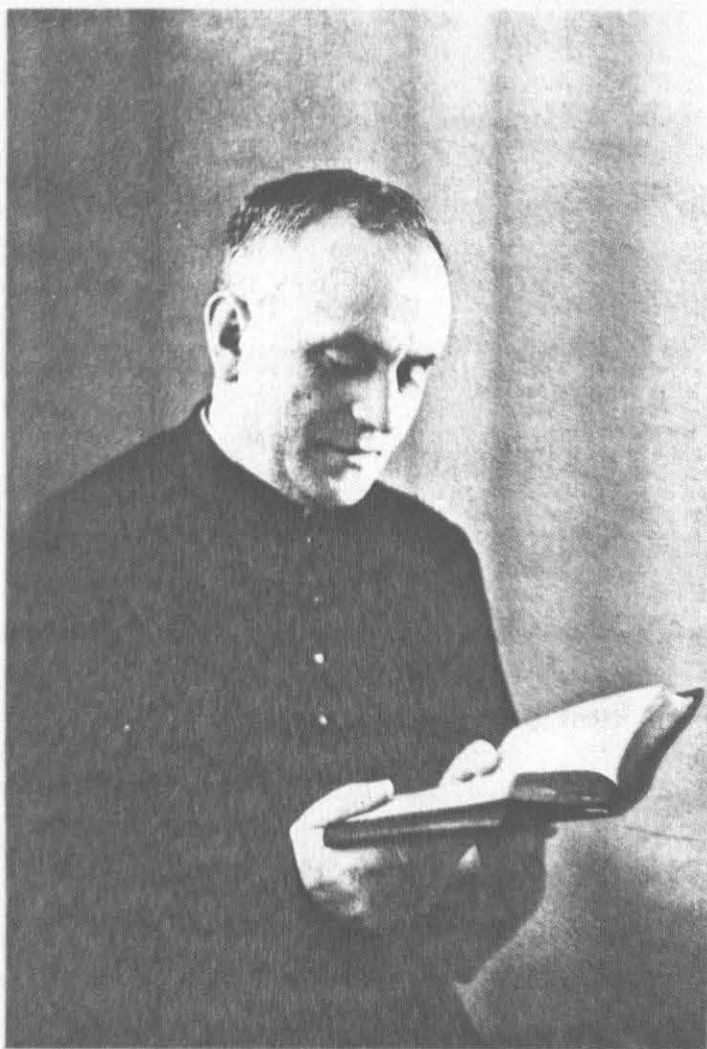
EXPEDIENTE

Diretores: Pe. Hilario Cristofolini
Pe. Natal Facchini

HOMENAGEM DE GRATIDÃO AOS COLABORADORES

Padilla Indústrias Gráficas S. A.
Artgráficas Bosatelli Ltda.
Umberto Bosatelli pelos fofolitos

Roraima é como a palmeira. A Igreja representada pelo Mons. Servílio Conti que encarna todos os missionários e leigos, realiza a obra de civilização e redenção junto do homem sub-desenvolvido e do índio, a pessoa que ela quer conhecer por nome.



O atual Superior Regional dos Missionários da Consolata no Brasil.
O Revmo. Snr. Pe. Constâncio Dalbesio, tomou posse do cargo aos 9 de fevereiro de 1966. Nascido na Itália aos 9-4-1916.

Seus pais: Giovanni Battista e Luigia Rinaudo
Ordenado sacerdote missionário aos 23-6-1940.

Superior da comunidade dos irmãos leigos, de 1940 a 1944 na Itália.
Vindo para o Brasil, em 1946, foi escolhido para dirigir o Seminário Sta. Teresinha, em São Manuel.

Em maio de 1948 iniciava as obras na Capital.
No Jardim São Bento e em seguida no Imirim, São Paulo, o Pe. Constâncio realizou maravilhas.

No Imirim, a primeira capelinha era um antigo estábulo.
Hoje, ergue-se o majestoso Santuário de Nossa Senhora de Fátima.
Ao lado, surge imponente o Hospital e obras sociais.

Todos os coirmãos, através de "O BRASIL MISSIONÁRIO", o felicitam, garantindo-lhe preces no pesado cargo que a providência lhe confiou.



S. Ex.^a o Governador do Território de Roraima, Snr. Tenente Coronel aviador, Dilermando Cunha da Rocha e S. Exma. espôsa, Dna. Havany Rocha.

A confiança do Govêrno, a responsabilidade do Snr. Governador colocaram-lhe sôbre os ombros a direção executiva do Território.

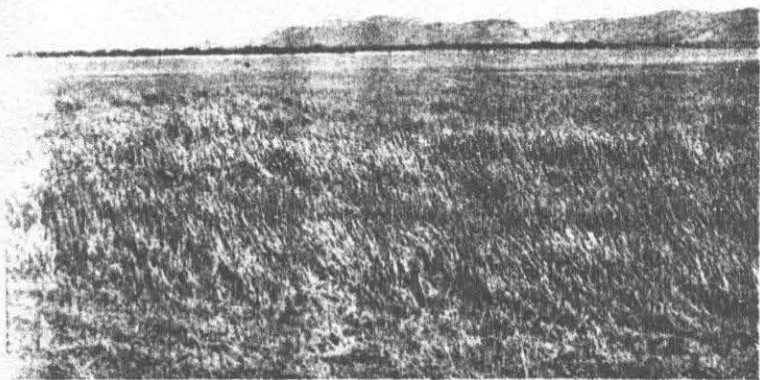
Capacidade, honestidade e interêsse, fazem de S. Excia. promotor do progresso e segurança de Roraima.

Primicias promissoras de Boa Vista.

Os alunos do Ginásio Euclides da Cunha, da esquerda para a direita: Mauricio Lima, Alfredo Santiago, João Augusto Monteiro, Etevaldo Q. Faria, Pedro Araújo, Elivaldo Q. Faria, Nazareno são agora seminaristas, cursando o colégio em São Manuel, Est. de S. Paulo. A palavra de Deus encontra terra fértil no meio da juventude roraimense.



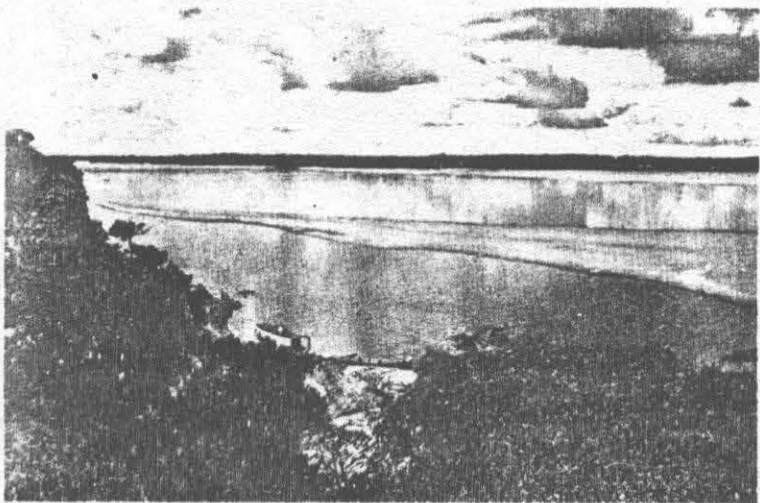
GEOGRÀFICAMENTE, Roraima se divide em 3 grandes regiões:



Nordeste — Por centenas de quilômetros as campinas não têm horizontes. Terra dos fazendeiros de gado. Apenas as siglas nominais dos patrões, encravadas a fogo no lombo dos animais, constituem as fronteiras entre uma fazenda e outra.

É também a parte mais habitada com o maior número de escolas e capelas. Durante seis meses, por causa das chuvas, êsses lugares ficam isolados do mundo. Acontece que os igarapés engrossam, rebelando-se às tentativas do homem.

Norte — Selvas misteriosas e acidentadas misturadas com enormes blocos rochosos. O clima é mais propício para a agricultura. É a terra que esconde ouro e diamante. Centenas de garimpeiros, aí sonham anualmente, a felicidade que iria sair do leito dos rios. Tepequém é o centro do garimpo. Longe das próprias famílias, expostos às doenças, às intempéries e emboscadas, êles aí vivem, misturando a fome do brilhante com a sede do álcool.



Sudoeste — O inferno verde do Amazonas. Aí, impera sua majestade a floresta virgem. Única localidade, dentro em breve paróquia é Caracará. Clima ingrato e insalubre. Calor úmido e sufocante durante o ano todo. É o reino das doenças tropicais: febre amarela, tifo, malária. Aí vivem os pescadores, seringueiros, caçadores de tartarugas.

BOA VISTA EIXO DE RORAIMA

Situada a 80 m. acima do nível do mar, na margem do Rio Branco.

O Rio Branco percorre 3.500 quilômetros para poder deitar-se no mar.

Sua função de ser: ponto de apoio e traço de união com o interior.

É o início de uma civilização. Os seus 11 mil habitantes estão aí por isso.

60% são funcionários governativos.

12%, comerciantes

8%, pescadores

5%, fazendeiros e garimpeiros.

5%, agricultores

5%, artesãos

5%, atividades várias.

Para Boa Vista converge todo o território.

É sede do governo e da Prefeitura.

70% da população é européia, proveniente do nordeste.

30% é constituída pelos caboclos ou índios civilizados que são os verdadeiros nativos do lugar.

Boa Vista desperta
Sangue nôvo pede artérias novas.

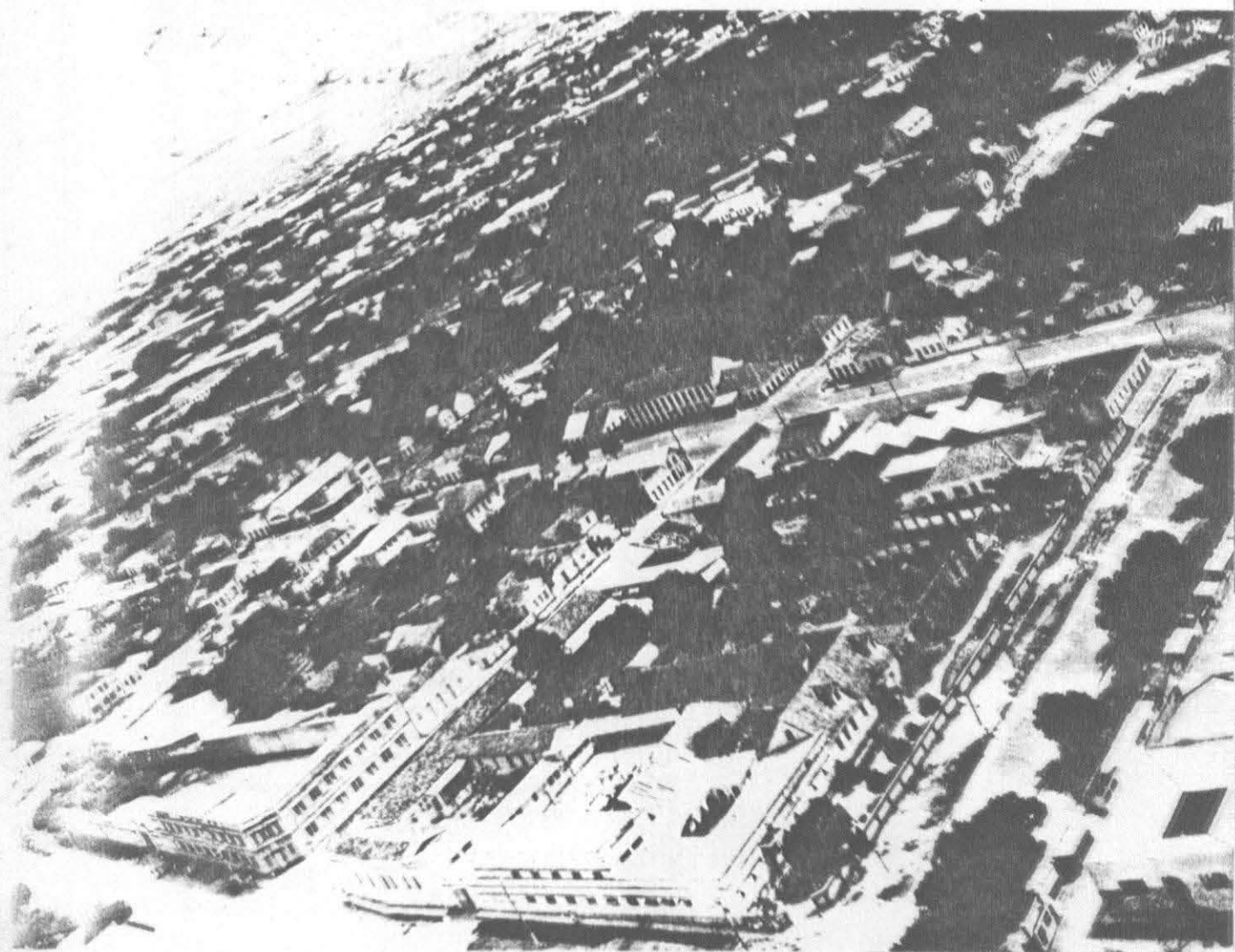
Sangue nôvo pede escolas
Sangue nôvo pede agricultura.

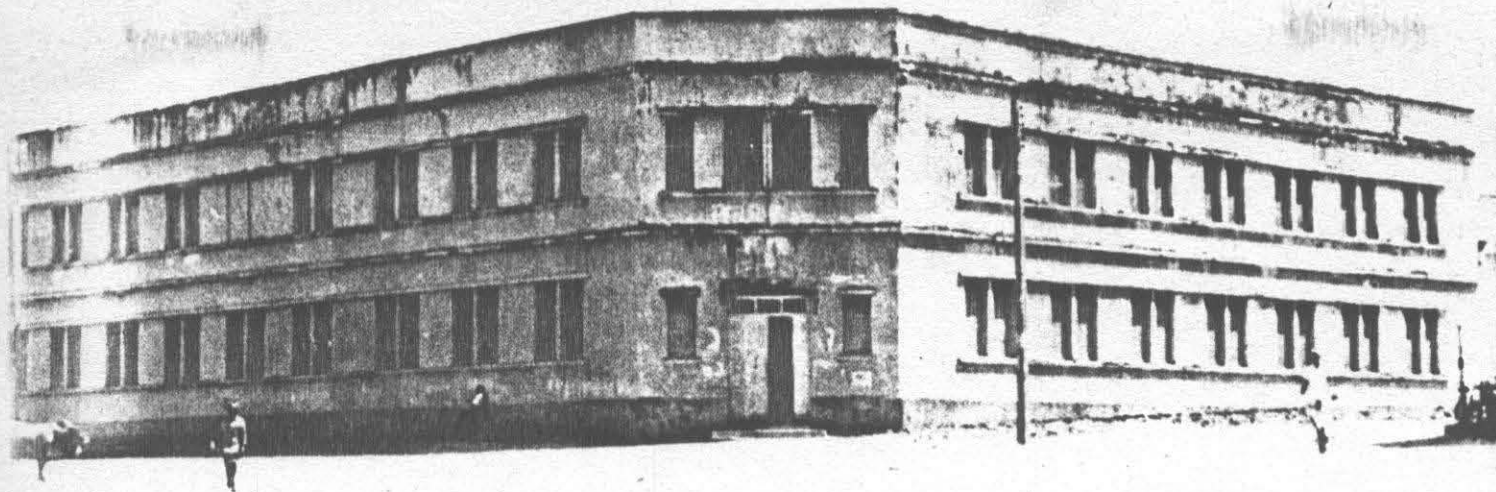
Sangue nôvo desperta para planejamentos, coordenando forças.

Sangue nôvo está circulando nas veias do gigante Roraima.

Sangue nôvo enfrenta o tempo, as distâncias, as barreiras que as águas levantam e as cortinas espessas que as florestas escondem.

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA: OS GRANDES IDEAIS DE RORAIMA





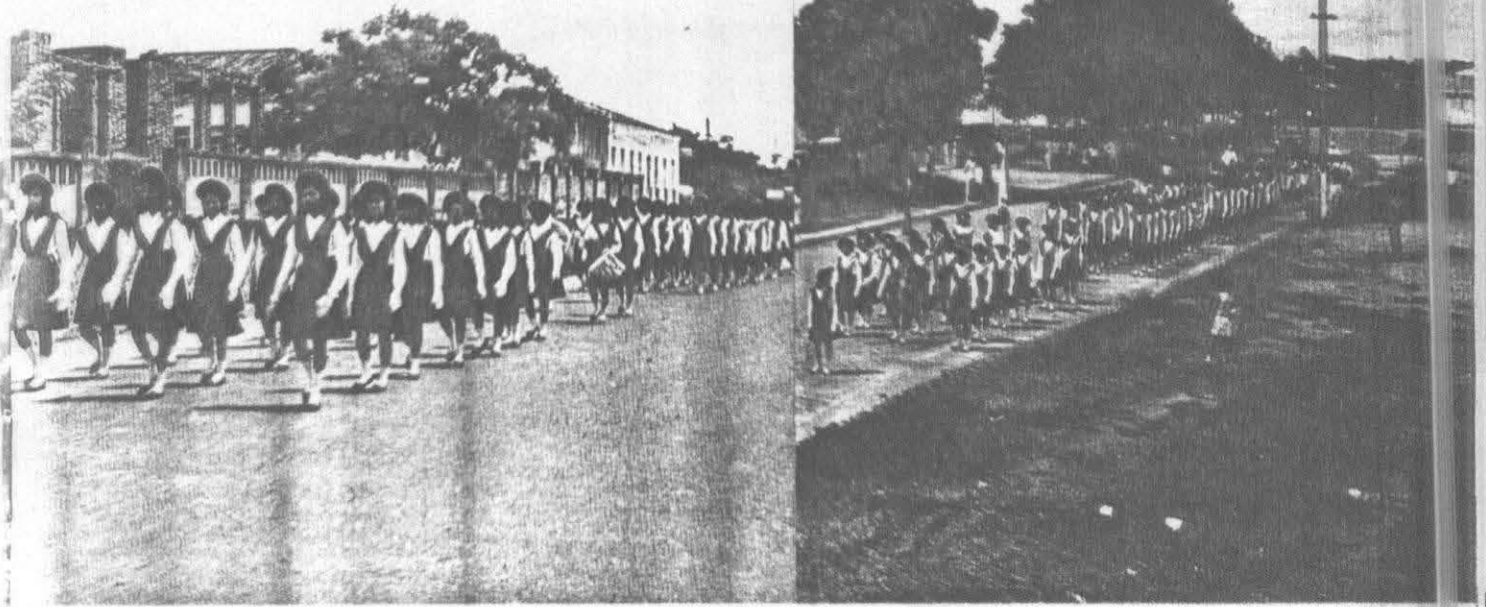
GINASIO EUCLIDES DA CUNHA — O pe. Genésio Sevegnani, diretor dinâmico e entusiasta, imprime vida e atualização com o seu corpo de professôres, a milhares de estudantes, dos quais depende o futuro intelectual e moral do território.



A CATEDRAL DE BOA VISTA — Aqui, a comunidade dos filhos de Deus se reúne para participar dos sagrados mistérios. A falta de recursos deixa-a, por enquanto como está. A colaboração dos filhos poderia preparar para o Pai, habitação melhor.

HOSPITAL DE BOA VISTA — Ótimos médicos, com meios precários, ai lutam, dia e noite, para conservar a vida e saúde. As irmãs da Consolata desdobram os cuidados maternos com dedicação e abnegação admiráveis junto dos doentes.





É a juventude estudantil do Ginásio Euclides da Cunha, marchando ao som do rufar compassado da fanfarra. O amor pátrio, profundamente sentido, é uma das características do roraimense.



A irmã missionária reza, ensina e trabalha. No orfanato que elas dirigem, as jovens aprendem corte, costura e bordado, preparando-se para formar um lar feliz.



Prezados leitores

É muito belo colocar todo o sentido da vida no cumprimento de um dever. Compreendo que, encarada assim, ela se mostra muito atraente e, dessa maneira, ao invés de suportá-la com resignação, caminharemos sempre com alegria.

Quero levar ao conhecimento de todos, que me encontro no Território Federal de Roraima, vindo de São Paulo como missionária leiga, para a missão dos Padres da Consolata.

Não é preciso ser freira para pregar a religião e ajudar os sacerdotes. Basta que tenhamos espírito de sacrifício e interesse pelo próximo.

O apostolado torna feliz uma pessoa. Estou realizada.

Apaixonar-se por um ideal nobre é encontrar a felicidade.

Para mim, servir a Deus e realizar-se é a mesma coisa.

Uma alma que sorri tem mais do que se possuísse o mundo inteiro.

Não são as grandes cidades que enchem a alma da gente.

É servir o próximo que dá sentido à vida.

Gosto e estou contente de poder servir. A vida nada mais é do que um serviço. Quanto serviço por aqui. Quantos os escravos da ignorância e as missões que não têm desenvolvimento por falta de pessoas que tenham vontade de colaborar.

APOSTOLADO REALIZA A PERSONALIDADE

Nada mais sublime do que ser mensageiro de Deus.

Trabalhar com afinco, difundir a palavra de Deus junto aos pobres caboclos, em interiores distantes, é uma necessidade urgente do leigo.

Dedicar nossa vida na realização de um dever sublime, é uma graça.

Porém, eu digo, é preciso amar o que fazemos.

Nosso mister é muito belo para que a ele nos dediquemos somente pela metade.

A doação deve ser plena e sem espera de retribuição material.

Na vida recebe-se na proporção do que se dá.

A quem dá pouco, a vida retribui com pouco.

Aquêle que se entrega com ardor, sente o bem crescer em si, qual fermento misterioso. Bela é a tarefa ao longo do caminho. Mais belo ainda é o pôrto de chegada.

Ser apóstolo de Cristo não significa ter complexo, mas tem o significado de uma vitória. Onde houver esforço e amor, haverá vitória.

O ser humano vale, não pelos dons recebidos, mas pela sua nobre utilização no sentido do bem, pelo poder de sacrifício que fôr capaz de pôr a serviço dêsse mesmo dever, dêsse mesmo ideal.

Ao sair de minha casa, para o Território de Roraima, vinha com um certo receio de enfrentar o desconhecido. Milhões de pensamentos anuviavam minha mente, porém, o que estimulava nos momentos de perturbação, era saber que teria a oportunidade de realizar algo de bom. Não conhecia ninguém e nada sabia a respeito desta terra, mas a acolhida que tive ao aqui chegar, emocionou-me profundamente. É um povo bom e hospitaleiro, que tem como traço marcante de sua personalidade, vontade férrea e desejo intenso de saber.

Aos missionários da Consolata e ao povo de Roraima, meus agradecimentos sinceros pelo carinho com que me têm tratado.

Amigos, peçam a Deus que me inspire para que eu esteja à altura da missão que devo desempenhar.

MARIA HELENA ROLIM Boa Vista, 25 de março de 1966



Com 1680 alunos no interior e mais 3 mil na capital, Roraima espera professores que o Brasil formou. O idealismo no magistério faz olhar com entusiasmo para o longínquo território.

IDE E ENSINAI

êles foram... "como o semeador que saiu a semear a sua semente" para o Território de Roraima:

MONS. SERVÍLIO CONTI

P. JORDÃO PESSATI

P. JOSÉ RUBATTO

P. GENÉSIO SEVEGNANI

P. BINDO MELDOLESI

P. JOÃO CALLERI

P. PAULINO GALBUSERA

P. MAURO FANCELLO

P. LUIS PALUMBO

P. LUIS MAZZUCCHI

P. VALMIR VALLE

P. TIAGO POLI

P. JOÃO ZINNI

IRMÃO ÉRICO MANTOVANI

IRMÃO MARINO DE CESARE

IRMÃO CARLOS ZQUINI

Prelado do Território de Roraima

Superior Delegado e Vigário Geral

Conselheiro e Administrador da Missão

Conselheiro da Missão e Diretor do Ginásio

Encarregado da civilização e catequização dos índios

Auxiliar do P. Bindo entre os índios

Vigário de Surumu

Professor do Ginásio

Capelão da região norte: Amajari e Araricoera

Capelão do Baixo Rio Branco

Capelão da região norte: Maú e Cotingo

Capelão da região do Itacutu

Vigário coadjutor da Catedral

Encarregado da parte mecânica de Surumu

Mestre de Artes Industriais

Mestre de Artes Industriais

"EIS QUE ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS, ATÉ O FIM DO MUNDO"

"Estou aqui, ensinando e ajudando. Vida dura mas bonita. Amanhã elas serão felizes."



S.O.S. VEM

DISQUE PARA 38900
São Paulo - Capital

ESCOLAS: URGENTE

CAPITAL

A cidade de Boa Vista, capital do território de Roraima, apresenta características singularíssimas. De um total de 11.000 habitantes,

- 3.006 estão frequentando o curso primário.
- 310 estão frequentando o curso pré-primário.
- 548 estão frequentando o curso secundário.
- 115 estão frequentando o curso de corte, costura e datilografia.

A Prelazia mantém atualmente na Capital, em suas escolas primárias gratuitas, 1021 alunos e alunas.

INTERIOR

Com uma população de aproximadamente 30 mil habitantes, há 43 escolas com 1680 alunos. As escolas do interior normalmente funcionam em choupanas, com paredes de barro e telhado de sapé. Não há equipamento. A maioria dos professores cursou apenas o primário.

Há, atualmente, boa vontade por parte do governo territorial para preparar os professores.

No interior, diversas escolas foram organizadas pela Prelazia que se encarregou da construção e manutenção das mesmas.

O governo, geralmente paga os professores. E a Prelazia colabora.

- A região do Amajari necessita de 8 escolas
- A região do Surumu necessita de 5 escolas
- A região do Tepequém necessita de 2 escolas
- A região do Taiano necessita de 2 escolas
- A região do Baixo Rio Branco necessita de 5 escolas
- A região do Cotingo e Maú necessita de .. 10 escolas

LARES PARA A INFÂNCIA

A Prelazia mantém: o internato Santa Terezinha com 45 órfãs, na Capital.
orfanato masculino com 45 crianças em Surumu.
orfanato feminino com 20 meninas em Surumu.

A Prelazia pretendê, com o auxílio do coração brasileiro, construir:
a sede definitiva do internato na Capital.
um internato reservado aos índios em Caracarái.
um internato em Iramutã.
um internato em Mucajaí.

Tôdas essas obras são gratuitas, reservadas exclusivamente aos indigentes.

ENSINO SECUNDÁRIO

A Capital possui uma escola normal rural com 59 alunos e um curso pedagógico com 21 alunos. A Prelazia mantém gratuitamente o curso ginásial com 429 alunos.

DE RORAIMA

Escreva Cx. P. 12156 - SANTANA (14)
São Paulo - Capital

Programa da Prelazia: Construção da sede definitiva do ginásio; construção de uma escola agro-artesanal em Calungá; na periferia da cidade, com internato para 100 alunos, **com dois setores essenciais** para o território:

- a) **Setor Industrial e artesanal:** Com serralha, carpintaria, marcenaria e outras oficinas.
- b) **Setor Agro-Pecuário:** Com campo experimental e secção de zootécnica.

DESTA ESCOLA DEPENDERÁ O FUTURO DO TERRITÓRIO

SAÚDE: URGENTÍSSIMO

O hospital N.S. de Fátima, com 45 camas gratuitas e 25 a pagamento, é o único existente em todo o território, precário na construção e mísero no equipamento, com três médicos apenas, dois dos quais, já há 20 anos, exercem a medicina no Território. São os doutores: Francisco E. da Silva e Silvio L. Botelho. O Governo mantém na Capital uma Maternidade com 20 leitos.

Programa imediato da Prelazia: Construção de um ambulatório com seis leitos de emergência e gabinete dentário nas seguintes localidades: Sumuru, Tepequém, Vila Taiano, Vila Iramutã e Caracará. Estão sendo planejados dois hospitais de emergência: em Caracará e Tepequém.

Na mata geral amazônica (145 mil qms²), povoados por índios primitivos, a Prelazia prevê a fundação de 3 centros de assistência, com ambulatório e gabinete dentário, pequeno internato para índios órfãos, etc. Um centro definitivo assistencial será localizado no médio Catrimani.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

A missão de Roraima mantém:

- 1 escola de corte, costura e bordado na Capital e em Mucajaí.
- 1 escola de datilografia na Capital.
- 1 escola primária e profissional para empregadas domésticas da Capital com 260 alunas. A maioria destas empregadas é do interior, geralmente, de famílias índias semi-civilizadas, não podem frequentar o curso oficial por falta de registro de nascimento.
- 1 jardim de infância na Capital, especialmente para crianças abandonadas, com 180 crianças.

A Prelazia pretende, com a graça de Deus, com a colaboração do govêrno e com a bondade de todos os corações brasileiros, construir a sede das obras sociais: com curso de alfabetização de adultos, curso de corte, costura e bordado; jardim de infância, curso de datilografia; centro infantil e juvenil e salas de cinema: na Capital, em Tepequém, Surumu, Vila Iramutã, Vila Taiano, Caracará, Mucajaí e Normandia.

ASSISTÊNCIA AOS ÍNDIOS SEMI-CIVILIZADOS

São os Macuxis e Vapixanas, moradores da Campina do Nordeste do território federal. Criadores de gado e agricultores invadiram as suas terras. Já foi iniciada uma experiência piloto, no sentido de concentrá-los na região de Sumuru. As primeiras famílias foram transferidas para Arai,

No Setor Educacional:

- a) 10 escolas com 2 salas de aula cada, com habitação para professor.
- b) 20 escolas com 1 sala de aula cada, com habitação para professor.
- c) 1 ginásio com equipamento para 250 alunos.
- d) 1 escola agro-artesanal para 100 internos e 100 externos, com oficinas, serraria, marcenaria, carpintaria, sapataria, tipografia, equipamento para estudos de zootécnica, etc.
- e) Equipamento para os três internatos já em funcionamento de Boa Vista e Surumu.
- f) Equipamento para as 25 escolas primárias do interior, ainda não equipadas e já em funcionamento.

No Setor Sanitário:

- a) Construção e equipamento do hospital de Boa Vista para 150 leitos.
- b) 5 ambulatórios com 6 leitos de emergência e gabinete dentário.
- c) 3 ambulatórios nos 3 centros de assistência aos índios primitivos.
- d) 4 carros-ambulatórios, com tração nas 4 rodas para o serviço assistencial nas regiões nos Campos Gerais do Noroeste.
- e) 4 lanchas-ambulatório, motor de 10 HP Diesel, de 5 toneladas para o serviço sanitário aos índios primitivos, com sede nos centros definitivos de assistência.

NECESSITA-SE**PARA A VIDA DE RORAIMA****Questão de Vida ou de Morte****No Setor de Transporte**

- a) 1 avião de 4 lugares para ligações entre as regiões e com os três centros da mata geral amazônica.
- b) 2 batelões de 30 toneladas para transporte de Manaus a Boa Vista.
- c) 2 jeeps com tração nas 4 rodas.

No Serviço de Eletricidade:

Trifásico — 50 ciclos

- a) um gerador de 22 HP, motor Diesel, para Surumu.
- b) um gerador de 30 HP para a escola de Calungá.
- c) geradores de 18 HP para os centros regionais de assistência.

Amigo leitor, aqui um elenco do mínimo que a Missão de Roraima está necessitando para cumprir a sua meta: evangelização e civilização. A salvação das almas é uma obra coletiva. A responsabilidade é de todos. Sobre os ombros da humanidade pesa o grave encargo do bem-estar dos subdesenvolvidos. **A sua colaboração é tremendamente necessária. A recompensa de Deus ultrapassa a expectativa da sua oferta.**

O HOMEM QUE A IGREJA CONVOCA

Num jôgo, é tão importante quem está no ataque como quem está na defesa. Numa guerra, a retaguarda exerce papel insubstituível.

Num lar, é tão necessário o pai que providencia o sustento, como a mãe que sustenta moralmente o lar.

Num corpo humano todos os membros realizam a própria função. O coração não aparece, mas exerce função vital.

Na Igreja, o cristão é membro-vivo do organismo. É uma pedra necessária do grande edifício.

Os religiosos contemplativos "conservam sempre lugar bem eminente no Corpo Místico, no qual nenhum membro tem a mesma função. Produzem abundantíssimos frutos de santidade. Honram e edificam o povo de Deus". (Decreto do Concílio sobre a renovação da vida religiosa).

O irmão leigo, religioso pertencente a uma Ordem ou Congregação, ocupa sempre um lugar de destaque.

O irmão leigo, missionário da Consolata, distingue-se pela colaboração apostólica. Não reza Missa, mas oferece a Deus a Missa do seu dia no trabalho profissional. Prega ao mundo a felicidade de uma doação total.

Verdadeiro auxiliar do sacerdote, numa fórmula que abraça a vida cristã como essência e a profissional como coroamento.

Forma-se mestre em alguma profissão. O irmão José Castiglioni (1688-1766), jesuíta, ingressou na Côte de Pequim pelo seu talento na pintura e conseguiu revogar o edito de perseguição contra os católicos.

O irmão leigo da Consolata, na África, construiu casas, escolas, igrejas, oficinas, ajudando o sacerdote no ensino profissional. Promove a civilização e o progresso nas terras de missão. Organiza todos os setores de uma missão sob o aspecto material. Testemunha a vida cristã num grau eminente. Torna-se um sinal perante o mundo dos valores espirituais. Realiza o grande anseio da personalidade.

Roraima é terra de missão. Quase tudo por fazer.

A construção da catedral é urgente.

A construção de outras igrejas no interior é uma obrigação.

A construção do ginásio industrial é uma necessidade imperiosa.

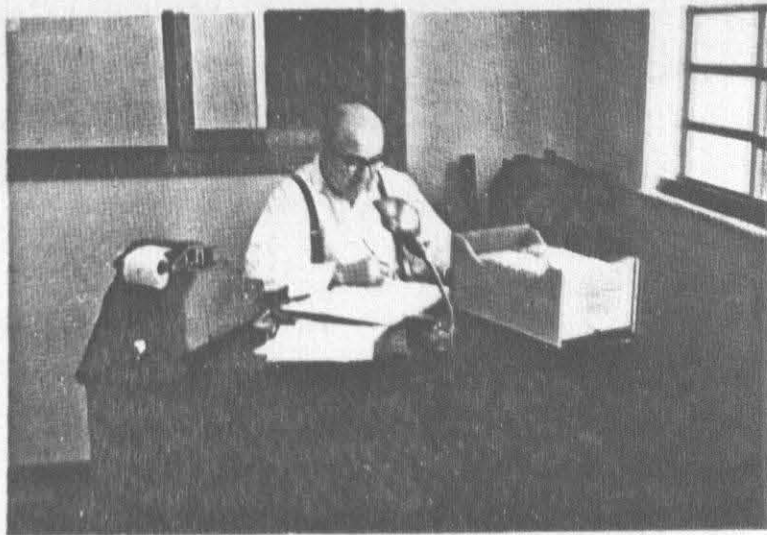
Necessita-se de professores para o ginásio e para outras escolas do interior. O irmão leigo, por enquanto, é vocação rara, portanto insuficiente para preencher cargos tão necessários.

"Que bem imenso fariam em meu Território de Roraima", afirmou o prelado Mons. Conti, em sua recente visita a esta redação.

A missão de Roraima apela, então, para o leigo, que é a igreja. Para o técnico, para o profissional, para o professor e professora que desejam dispor das suas qualidades e inteligência a serviço da Igreja no Território.

A Igreja é a família dos filhos de Deus.

Um por todos e todos por um.



Homenageando-o, o Instituto cumprimenta todos os irmãos que rezam e trabalham pela salvação das almas.

Irmãos que vivem ao lado do Missionário realizando com humildade e sacrifício qualquer trabalho. É a geração dos homens que a Igreja convoca.



Buritis ao ventò, perpendiculares,
palmas desfraldadas, livres pelos ares,
mãos ao céu erguidas sempre em oração.
Palmas desfraldadas, sempre acenando,
quando o vento é forte, quando o vento é brando,
buritis ao vento — eterna saudação.

Buritis ao vento, palmas agitadas,
longas cabeleiras sôltas, desgrenhadas,
como em desespero ou doida convulsão.
Tranças desgrenhadas no cruel tormento
do lavrado estéril sob o sol violento,
buritis ao vento em fogo do verão.

Buritis a vento, copas sobranceiras,
taças ofertantes, pátenas fagueiras,
holocaustos puros, límpida oblação.
Pátenas devotas, virginal latria,
voz da natureza em prece noite e dia,
buritis ao vento erguidos na amplidão.

Buritis ao vento, fôlhas espalmadas,
harmoniosas harpas, leves, dedilhadas
pela mão do vento — faúno folgazão.
Harpas dedilhadas desfiando lendas
— ecos das florestas, ecos das fazendas,
buritis ao vento — voz assombrção.

Buritis ao vento, muitos, aos milhares,
como batalhões em fila, regulares,
perlongando o leito dos igarapés.
Como batalhões eternamente em guarda,
uniformizados em sua verde farda,
buritis ao vento, aos mil, pelos marnéis.

Buritis ao vento, ventos dos lavrados,
ululantes como cães desenfreados,
açoitando os tesos, arranhando o chão.
Ventos dos lavrados, voz da liberdade:
a alma voa, perde-se na imensidade,
buritis ao vento, apêlo à solidão.

Buritis ao vento, voz de mil sentidos,
som de gargalhadas, eco de gemidos,
brados de triunfo, uivos de aflição.
Voz de mil sentidos — medo ou ansiedade,
buritis ao vento — vóz da Criação.

Buritis a vento, gritarias, vaiás
de maracanãs, araras e jandaias
no banquete orgíaco dos frutos bons.
Trilos de sabiás e rouxinóis maviosos,
pios de bem-te-vis e corrupiões vistosos,
buritis ao vento — orquestra de mil sons.

Buritis ao vento, frufrolhar de palmas
mussitando meigas pelas tardes calmas,
melancolizando a funda solidão.
Frufrulhar de palmas, voz duma saudade,
eco do passado que minha alma invade,
buritis ao vento no meu coração.

Buritis ao vento, pela noite mansa,
acenando ainda, vivos na lembrança,
assoprando a chama duma nostalgia.
Tataral de palmas escandindo versos,
vaga evocação dos sonhos meus dispersos,
buritis ao vento môrno da poesia.

Fidêncio Bogo IMC

O BRASIL HASTEADO NOS CÉUS DA FRONTEIRA



O ministro Cordeiro de Farias, visitando o Território e desfraldando, pelas mãos de um roraimense, a bandeira brasileira. É o grito de presença e assistência. É a voz do apoio, de ordem e progresso.



Visitas ilustres, hóspedes de honra, assinam o ponto da colaboração no livro da vida do território.

A CARAVANA INTERMINISTERIAL:

Revmo. Pe. Alberto Agostini, então Superior Regional, representando os Missionários da Consolata.

Dr. Valdir Santos, representando o ministro da Agricultura.

Pe. Silvano, convidado especial.

Dr. Gama Silva, chefe de Gabinete do Ministro da Saúde.

Prof.^a M. Conceição, representando o Plano Nacional de Educação.

Prof. Gentil Baroni, representando o Ministro da Educação.

Sra. Zélia Baroni, esposa do Prof. Baroni.

Sra. Mariazinha Cabral, esposa do Snr. Guilherme Cabral.

Snr. Guilherme Cabral, representante do Governo do Território em Brasília.

Sra. Jercy, representando o Presidente do IPASE.

Dr. Aluísio Carvalho, representando o Ministro de Minas e Energia.

Prof.^a Desinee Jansen, convidada especial.

Sra. Deia Queiroz, esposa do jornalista Queiroz

Jornalista Wilson Queiroz, representando Os Diários Associados.

Dr. Sérgio Farias, representando o Ensino Industrial do MEC.

Convidados pelo Snr. Governador, conheceram, amaram e vão trabalhar pelo Território.

O CARTÃO DE VISITA DE RORAIMA

Orografia — Principais acidentes geográficos: são os compostos de rochas sedimentares, mais ou menos recentes (terrenos terciários e quaternários) e cristalinas, muito antigas (terrenos arqueanos) que formam a região montanhosa.

Estas montanhas formam uma estreita faixa no extremo norte do território (sistema orográfico das Guianas) que é dotada de elevações consideráveis cuja altitude máxima atinge a 2.722 metros no Pico do Roraima, na Serra do mesmo nome.

As montanhas pertencem a dois sistemas orográficos: o da Cordilheira do Parima e o da Cordilheira do Paracaima. Além desses principais acidentes geográficos, possui ainda o território, os seguintes: Serra da Lua, Serra do Tepequém, Serra do Araraquara (Serra Grande) e a Serra do Murupu.

Hidrografia — O principal caudal da região é o Rio Branco que tem como seus formadores o Uraricuera e o Itacutu.

Seus afluentes principais: pela margem direita, Cauamé, Mucajá, Amajari, Água Boa do Uniuini, Catrimani e Xeriuni. Pela margem esquerda: o Quitauá, Cachorro, Anauá e Tapera.

O rio Itacutu possui, pela margem direita, importantes tributários, como o Maú, que tem seu curso na linha de fronteira com a Guiana Britânica e o Surumu que recebe o rio Cotingo. O Maú e o Cotingo são ricos em ouro e diamante.

Riquezas naturais — Existem no Território várias minas de ouro, que há vários anos foram abandonadas em face da atração exercida pelo diamante, minério de maior evidência, descoberto na região, nos fins da década de 1930. Existem também outros minérios como: Bauxita, Cassiterita, Cromita, Colombita e Tantalita. Recentemente, a descoberta de uma jazida de zinco.

Principal fonte de renda — É o boi. Hoje existem cerca de 200.000 cabeças, distribuídas em 873 estabelecimentos agropecuários, graças à ação do Governo que os têm amparado, na assistência aos criadores, quer vacinando os rebanhos, fornecendo medicamentos veterinários e importando reprodutores de raça melhorada.



tra importante visita que o Governo empreende ao Território, através do Ministro da Aviação e Obras Públicas, Exmo. Juarez Távora. A Missão de Roraima, felicita-o e agradece pela sua consideração e aprêço. O missionário sempre que o olhar de Brasília seja eficaz para as obras de Roraima.

CRISTO NAS FLORESTAS E



O caboclo do interior do território tem uma filosofia conformista da vida. Aceita o que vem com estoicismo.

Vive a vida sem pretensões.

Para êle, a vida acaba à noite e começa no dia seguinte.

A sua meta não tem degraus.

Por natureza é muito religioso, escutando de bom grado a palavra de Deus e respeitando o sacerdote.

Pouco afeito ao trabalho, pouco inclinado a alfabetizar-se e quase sem iniciativas.

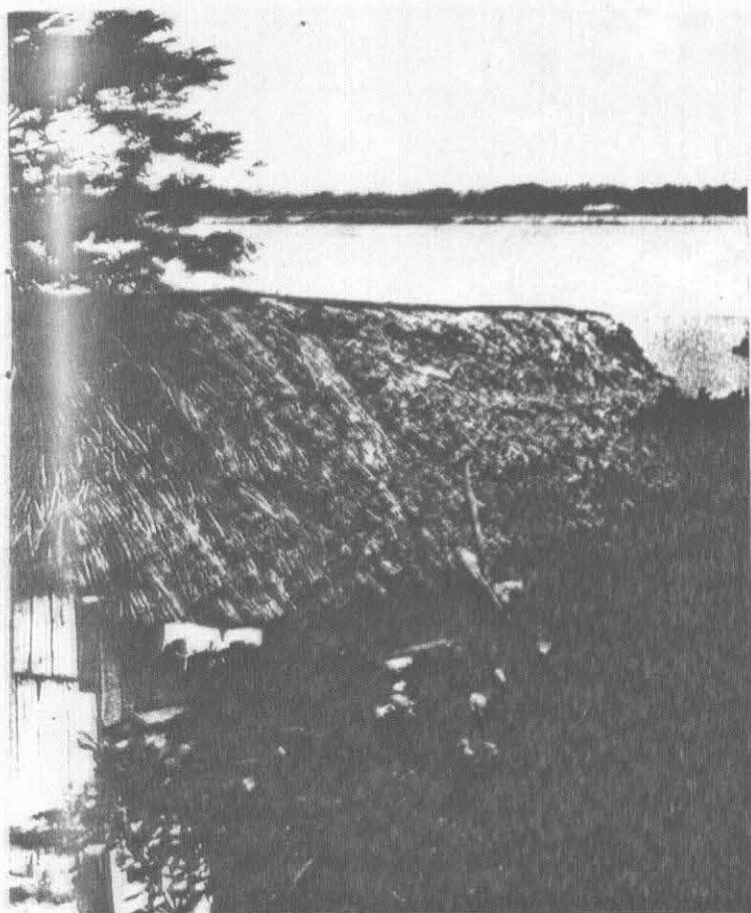
A ação do sacerdote é produtiva no sentido da valorização do trabalho e estudo.

A alimentação é pobre e reduzida, especialmente para a criança.

Gosta da dança, aprecia o futebol e deseja imensamente a caça.

No norte e nordeste, e vale a pena acenar, existe uma organização interessante entre os índios civilizados.

DESCAMPADOS SEM FIM



O Tuxava é uma espécie de governador.

As famílias da maloca, dividida em três secções, nada vendem, nada compram sem a sua permissão.

Ou melhor, o tuxava realiza por todos, a compra e venda, na própria choupana. Todo o material vendido ou comprado entre índio e branco passa pelas mãos dele.

Na derrubada, roçando os campos, carpindo a terra, as famílias se unem.

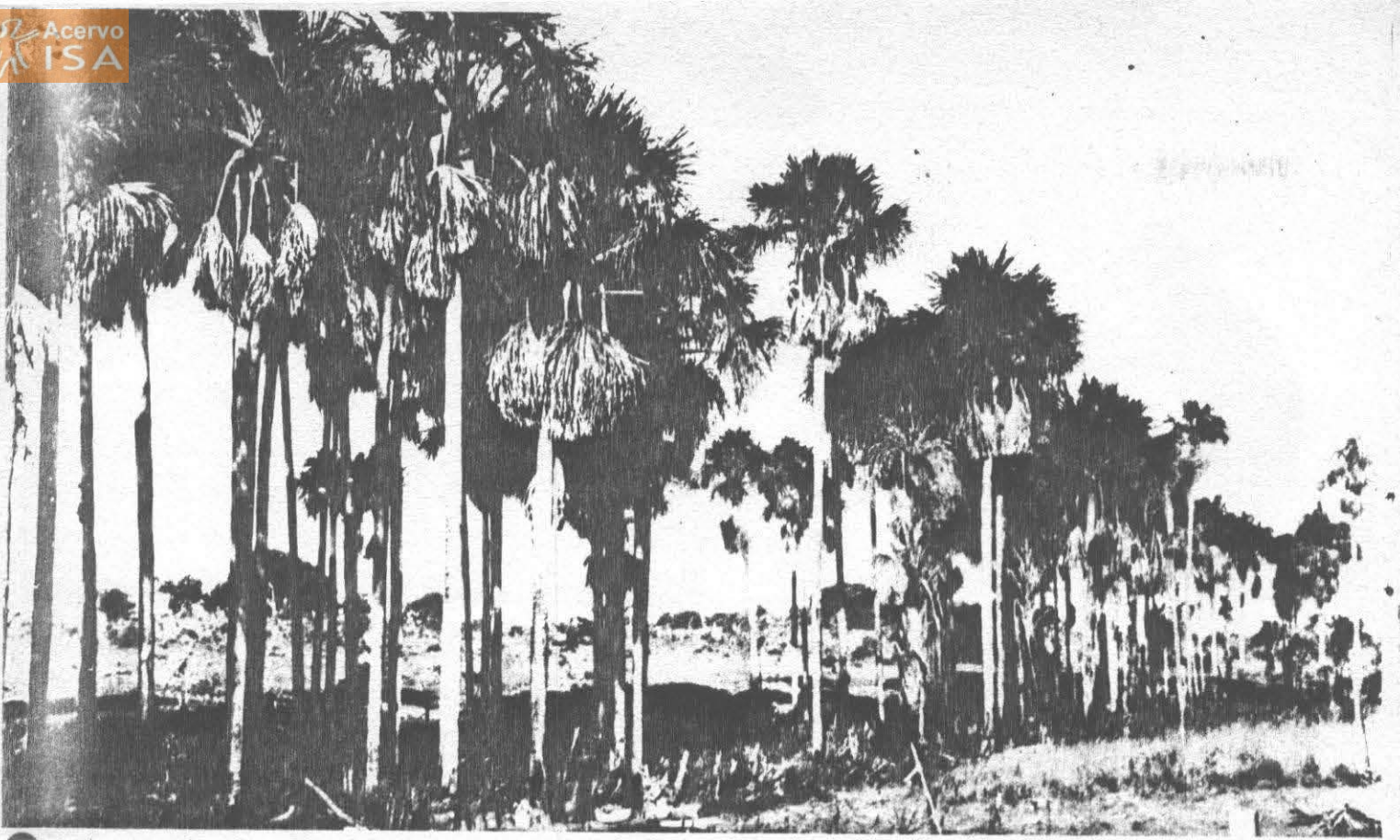
Normalmente o trabalho é realizado em equipe de 10 famílias, guiadas por um feitor. Em caso de emergência, faz-se o juri ou a união de tôdas elas.

O branco necessitando do índio para qualquer trabalho deve dirigir-se ao tuxava que o escolhe e envia.

Quando as plantações não necessitam dos índios então vão, como garimpeiros, à procura do ouro e diamante, com condição expressa de voltarem à maloca pelas festas de Páscoa e Santo Natal.

Catequizá-los e conservá-los na fé é o trabalho do missionário que os encontra raramente.

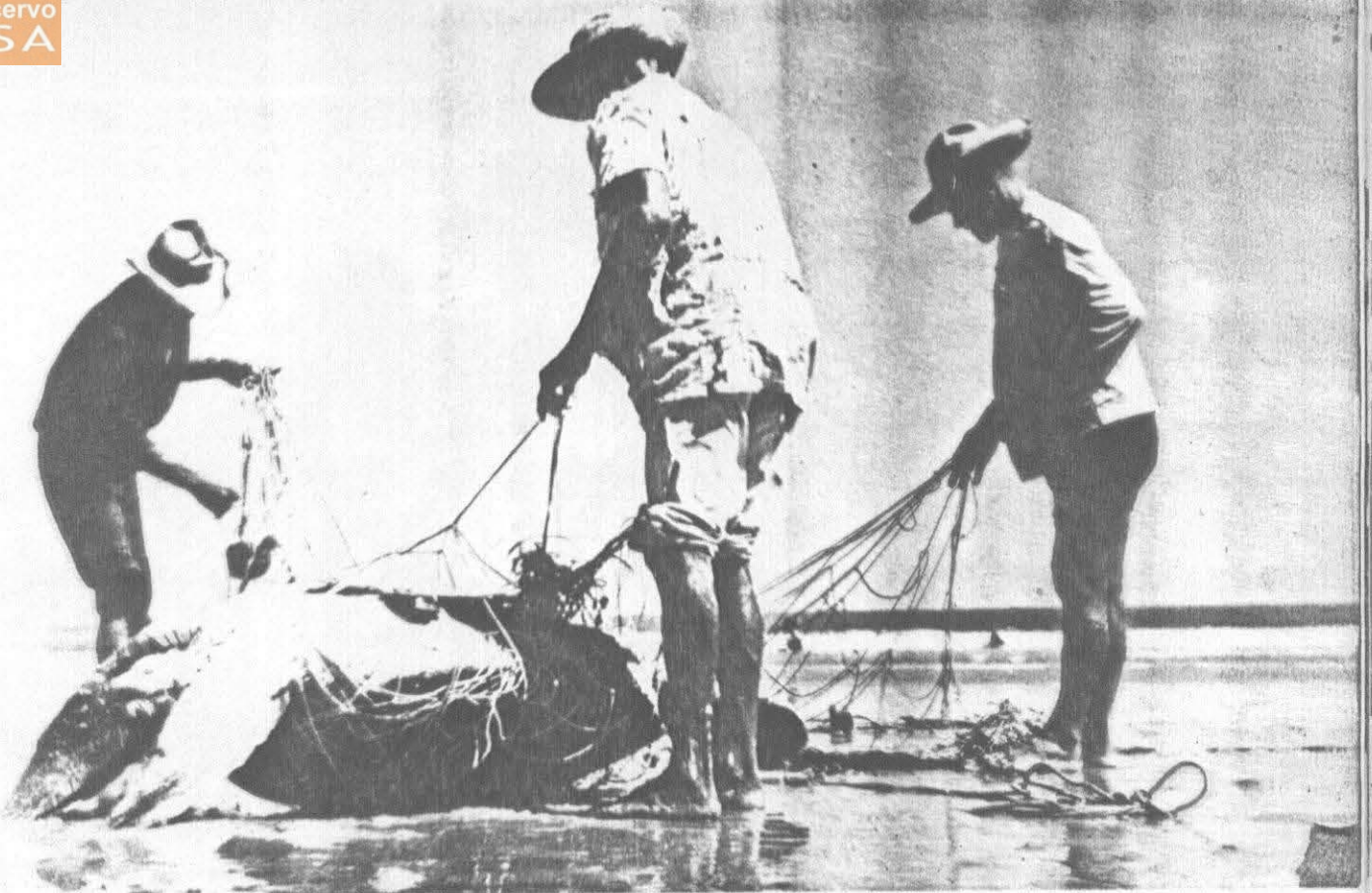




Longe do Homem, habitando os lavrados imensos, os buritis, tocam como harpas, a canção da solidão.



"Em nossos rostos, a imagem do sofrimento. Em nossas almas, a suspeita de que a humanidade nos tenha esquecido".



"Somos pescadores. E a pesca é o nosso ganha-pão. Lutamos pela vida para o dia de hoje"

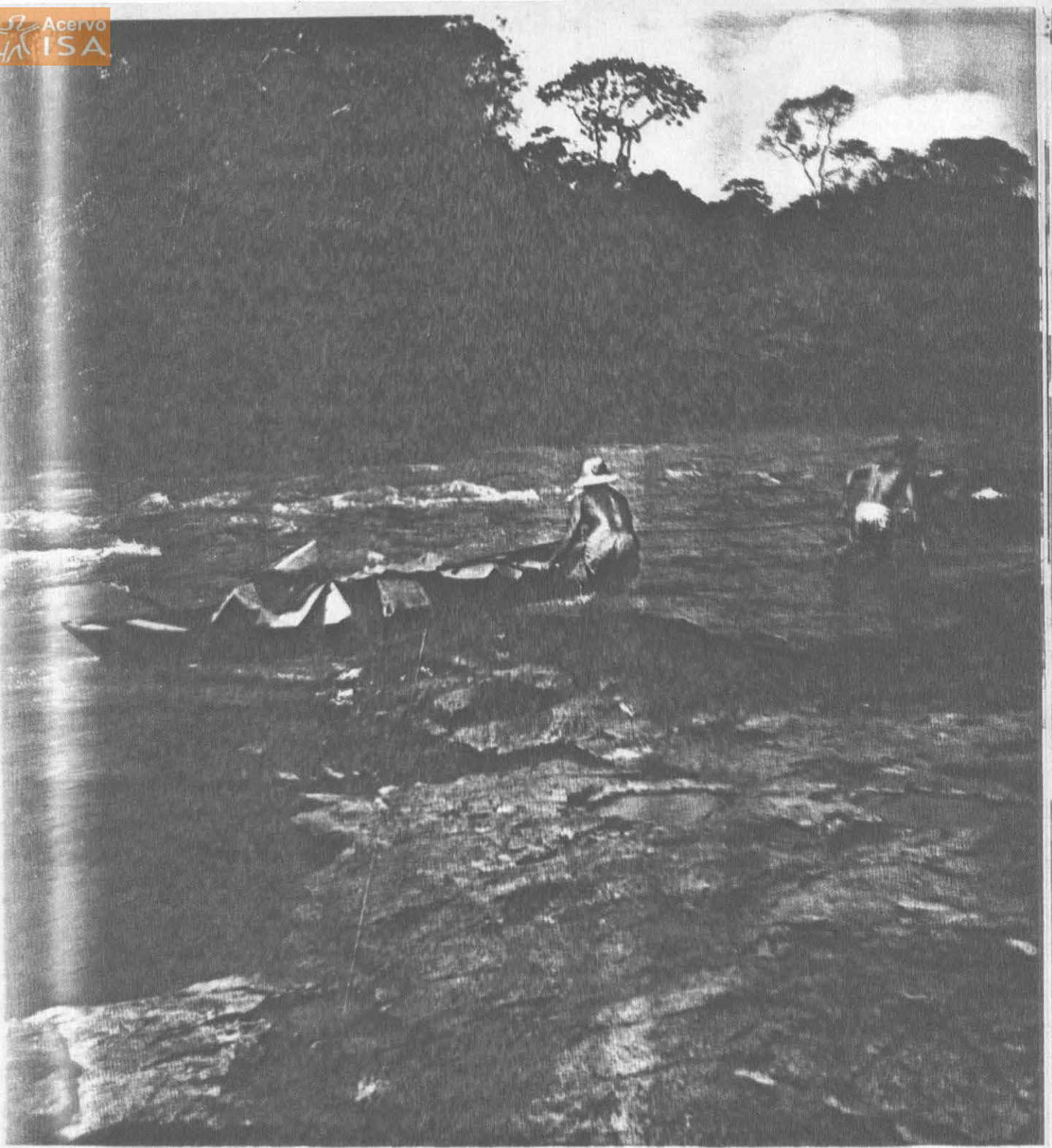


O missionário violou a clausura dessa floresta, desbravando-a para plantar mandioca, de preferência à beira dos rios.



A MISSÃO DE RORAIMA ENVIA OS SEUS FILHOS, MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA PARA EVANGELIZAR E CIVILIZAR. "De olhos abertos para a realidade", o missionário não perde tempo. Não espera tempo. Não consulta o tempo. Não consulta a saúde. Não consulta o dia. Não espera a sorte. Não espera o sol. Não espera facilidades. Não espera a compaixão. Não faz reclamação. Não pede flaches. Não dá entrevistas aos repórteres. Não mendiga fôlhas dos jornais. Cumpre a sua missão porque Deus escreve tudo. Atende à voz da consciência porque ela enche o jornal do dia. Pede ao Senhor flaches com o caboclo. Pede ao Senhor encontros com a vida que não tem nome, com o homem que vive longe do homem. Só pede fôrças. Só deseja saúde. Só pensa em dar do melhor de si mesmo. Fica com "o coração choroso, ternamente triste, quietamente magoado", tristemente inconformado pela falta de meios mais rápidos. De meios que não encurtem a vida. De meios que encurtem as distâncias. De meios que acelerem os encontros. De meios que suprimam a correnteza das águas e as cascatas dos rios.

A angústia do missionário é a angústia de Cristo, a angústia de Pedro, a angústia de Paulo: "Ai de mim se não evangelizar"

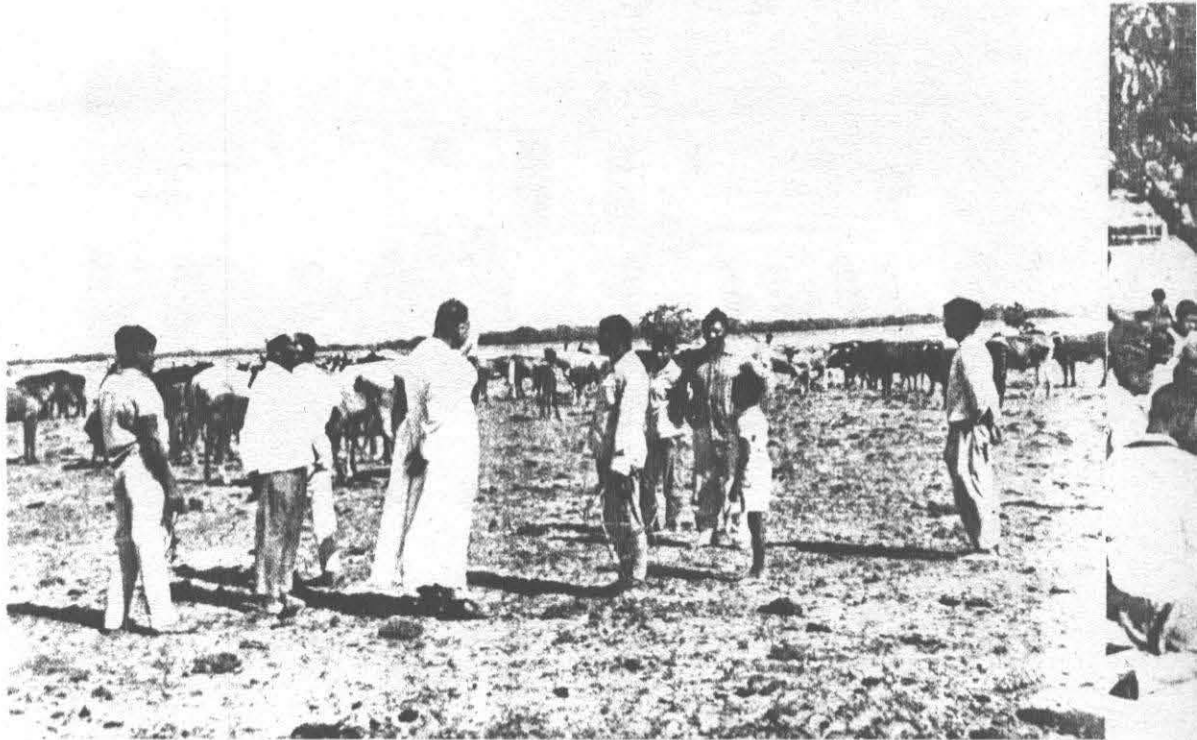


Solidão do missionário como a tristeza do Jardim das Oliveiras. Flagelações que as intempéries infligem ao missionário como as de Cristo na sua paixão dolorosa. Coroa de espinhos das calúnias e das loucuras humanas, das incompreensões, humilhações e descrença. Enfim, a subida exaustiva pelas rampas do Calvário da vida, sem um consôlo, por vêzes, sem um Cirineu que ajude a aliviar o pêso da Cruz. Só um rosto de mulher e Mãe, impresso na mente e no coração, encontra o missionário pelos caminhos misteriosos do seu destino. Um olhar de Mãe que anima e dá sentido à vida. Maria SSma. que segreda ao missionário: Tu és meu filho.

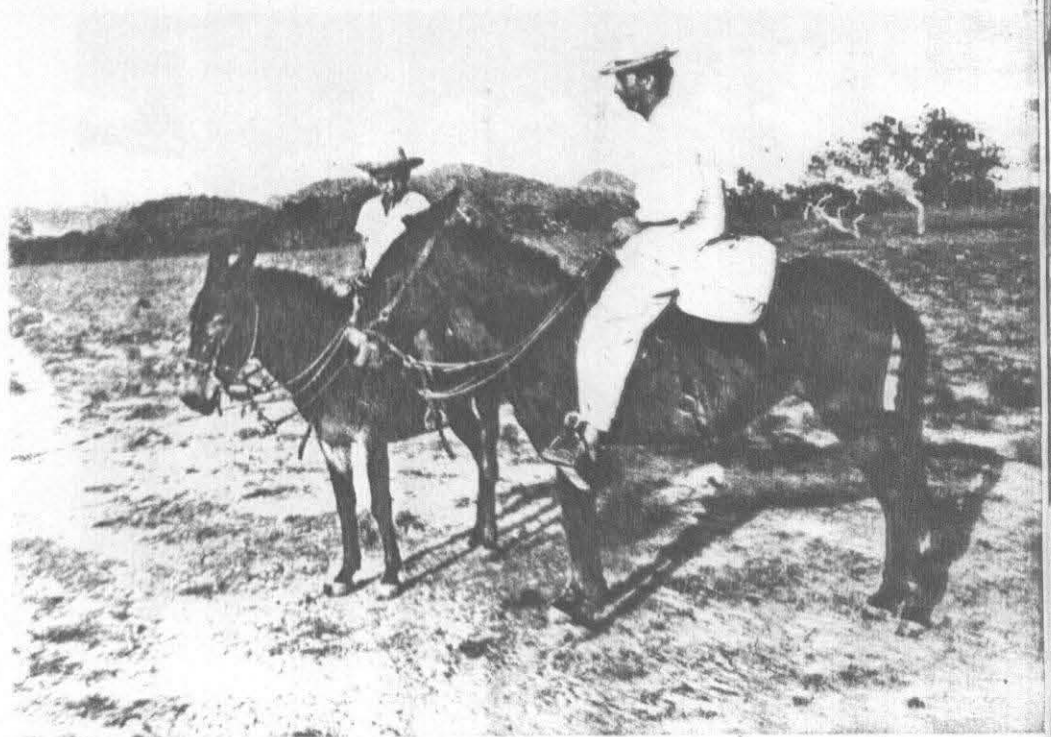
Do Calvário se vai, naturalmente, para a crucifixão do esquecimento. O esquecimento, a dor de ficar e sentir-se sòzinho, o pensamento de que ninguém se lembra de alguém, embrenhado por dias e meses em florestas e rios, apunhala a vida do missionário.



Todos os meios disponíveis são úteis para o missionário visitar os bairros e centros vizinhos da Capital.



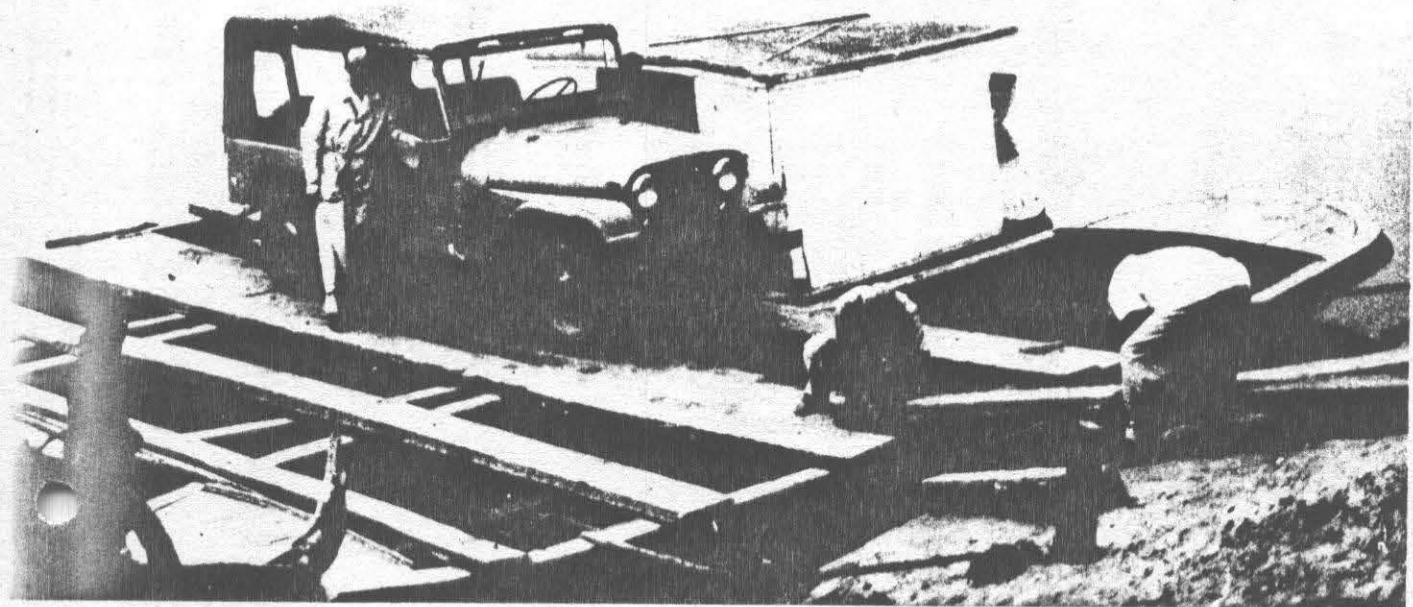
O pe. José Rubatto, vigário de Surumu, não se limitando aos trabalhos apostólicos, ensina o índio a viver e progredir. Iniciou na região a criação de gado, evitando assim que ele deixasse, por dias inteiros, a choupana para buscar caça alhures.



O pe. Osvaldo Paterno, numa das suas inúmeras desobrigas à lombo de burro. Caminhadas penosas, justificadas pelo desejo de salvar almas.



Por paredes uma árvore, por mesa uma caixa, por abóbada o céu. Por bancos a terra. Por crucifixo vivo, o missionário. Aí está a renovação do Sacrifício da Cruz.



Mons. Servílio Conti, Prelado de Roraima.

Extraordinário sacerdote distinto pelo zelo apostólico.

Esquecendo os castigos que os achaques lhe infligem, prossegue indômito as viagens pelo interior, visitando centros e malocas de índios civilizados, fazendo um levantamento das ovelhas que êle deve salvar como pastor. É o missionário que não tem medo das águas, nem as fúrias do furacão. Não teme as ciladas da estrada, nem os silvos das serpentes. Acobertado pela noite escura, guiado por algum carreiro de animais, busca na orla do horizonte, alguma cabana e alguma criança para batizar; casamento para assistir ou legalizar. Para êle é indiferente que a sua tumba seja o fundo de um vale, as águas do rio ou o chão majestoso da floresta.

Onde Deus o mandar, lá morrerá feliz.

DO MUNDO BRASILEIRO

{ A beira de um rio. Duas latas por suporte. A mala por mesa e uma vela. Tudo pronto para o Santo sacrifício que o Pe. Bindo celebra na imensa basílica da floresta para os índios perdidos nela. Missionário! As águas que passam por ti me descrevem o teu cansaço. A vela que bruxuleia me conta a tua história de amor pelas almas. O teu rosto pensativo me comunica as tuas angústias. Os teus pés descalços me falam de heroísmo...

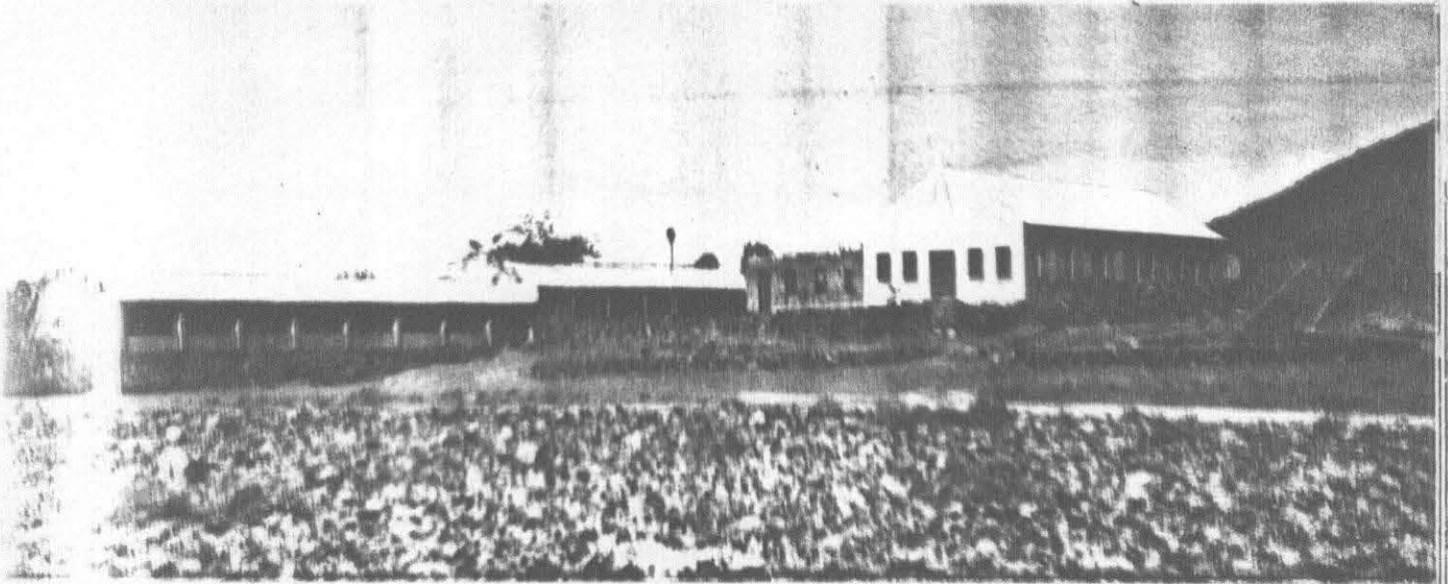


As crianças vibram espantadas. Vibram com a Pátria erguida nos braços, nascendo do coração. Vibram porque o instinto não nega a certidão de origem. O Ministro Cordeiro de Farias, soberbo e radiante, hasteia talvez com mais orgulho, no longínquo Brasil, a mesma bandeira que ele hasteia inúmeras vezes nos palanques oficiais das grandes cidades.



"Tivéssemos 50 Abéis em todo o território como temos um em Rapôsa, não teríamos necessidade nem de govêrno, nem de Igreja". E em seguida, o Ministro Cordeiro de Farias, abraçou, comovido o prof. Abel, congratulando-se efusivamente com êle pela formação intelectual, moral e religiosa. Foi um abraço à Igreja por ter dado ao território um professor, um líder. Foi um abraço ao Ginásio da missão que o educou e formou professor. Atualmente leciona em Rapôsa, na maloca da sua tribo.

A CONSOLATA AOS PÉS DO MONTE RORAIMA



ADMIRÁVEL CONJUNTO EM SURUMU — Paróquia e Orfanato que o Pe. José Rubatto, levantou com sacrifícios enormes. Construiu a olaria, fêz os tijolos, serrou a madeira e realizou as obras . Surumu é a última paróquia do Brasil que abre as portas para a Venezuela.



A missão da Igreja jamais esquece a criança. O orfanato ampara-a na infância. Forma-a, desenvolve aptidões e prepara-a para a vida.



Um pequeno avião resolveria o problema. E o governo, por vèzes, observando as nossas dificuldades e o desejo de trabalhar, tem resolvido situações complicadas.

Transportes de todo o gênero de Boa Vista a Surumu e vice-versa. Aviões particulares, também se prestam, esporadicamente, para atender as justas reivindicações do missionário.

Um avião para a missão de Roraima, seria um sonho fantástico. Quem sabe, alguém, poderia realizá-lo.



CRISTO FALA MUITO POUCO COM OS CABOCLOS

DEVIDO AOS DRAGÕES DE RORAIMA OU AS ESTRADAS ASSASSINAS

As famílias mais longínquas avistam o sacerdote uma vez cada 4 ou 5 anos. Com um pequeno avião elas veriam o missionário algumas vezes no ano.

Quem vive fora de Roraima, agradece a Deus se pode conversar com o padre duas ou três vezes por ano.

Viajando a cavalo, com jeep ou canoa o sacerdote atrasa de 90% o trabalho apostólico.

Cansaço, doenças, desânimo, solidão; perigos das águas e florestas; riscos de todas as espécies; imprevistos; falta de comida ou má alimentação tornam o missionário herói autêntico, bandeirante de Deus e da Pátria.

O que mata o ministro do evangelho são as distâncias.

UM PEQUENO AVIÃO RESOLVERIA O PROBLEMA

Boa Vista-Boiaçu (Sul)

Via fluvial: 500 qms. = 10 dias de viagem

Via aérea: 450 qms. = 2 horas de vôo

Boa Vista-Apiáú (sudoeste)

Via fluvial: 300 qms. = 5 dias de viagem.

Via aérea: 100 qms. = 45 minutos de vôo.

Boa Vista-Alto-Catrimani (sul)

Via fluvial: 450 qms. = 15 dias de viagem.

Via aérea: 300 qms. = uma hora e meia de vôo.

Boa Vista-Rapôsa (norte)

Pela estrada (com jeep): 200 qms. = 7 horas de viagem.

Via aérea: 180 qms. = uma hora de vôo.

Boa Vista-Surucucu (Oeste)

Por estrada e via fluvial = **inacessível.**

Via aérea: 400 qms. = 2 horas de vôo.

Um pequeno avião resolveria o problema

O SEU CORAÇÃO É QUEM VAI DECIDIR



VAICÁS

O sobrenome que o brasileiro não pronuncia.

DESCOBRIMENTO DOS ÍNDIOS VAICÁS:

"Encontro que não foi marcado pelo relógio, mas por Deus". É esta uma frase bem aceita, lá em cima, em Boa Vista, desde o dia em que o falecido Pe. Ricardo deixou o majestoso leito do Rio Branco, embicou o bote no Mucajaí e lutou incansavelmente contra as águas do Apiaú sem saber para onde ia e para que ia.

13 dias depois, o missionário vislumbrou entre as folhagens da margem, um grupo de homens bronzeados, com tendência para o branco, completamente despidos. Vendo que não estavam armados, beirou lentamente o bote, enquanto Jorge, um dos acompanhantes (índio xirixianá, civilizado) procurava saudá-los na língua de sua tribo. Com surpresa de todos, entendiam-se.

Foi o primeiro encontro com um grupo de índios até então desconhecidos, pertencentes, como se viu mais tarde, à grande família dos Vaicás, ou Waicás, cujo sobrenome (exigido pelas suas subdivisões) o brasileiro ainda ignora. E foi o primeiro encontro, fortuito, não marcado pelo relógio, mas por Deus.

Olhares frios que olham sem enxergar. São os índios vaicás. Poucos rostos brancos viram até hoje. Marcaram alguns, sobretudo o do Pe. Bindo, sucessor do Pe. Ricardo.

E muita vez o vaicá se apóia a um tronco, à beira do rio, esperando "o feiticeiro branco que faz milagres". Mas, muita vez, seu olhar fica perdido ao longo do rio, porque o missionário não aparece. Cinco meses por ano, o rio proíbe sua visita.

O ANJO DA FLORESTA QUE

Os irmãos que a Igreja quer conhecer por nome

Estranha sensação se apodera do homem ao pensar no índio.

Cortinas de mistério envolvem o ser que as florestas vestem e protegem.

Um mundo desconhecido que escreve a própria história sobre o leito das águas e dentro da penumbra das selvas.

O homem branco quer o diálogo dos presentes para chegar a uma conversação amiga.

A Igreja através dos seus missionários quer dizer-lhes que são nossos irmãos.

A atmosfera foi de expectativa e angústia.

Violada a clausura dos índios. Então, abertas as portas, encontram-se para falar a língua universal do amor.

A corrida para os astros não teve, para o missionário, tanta sensação como a corrida para os índios. Corrida pacífica, fraterna que o missionário preparou com o amor, chegando a eles

pelos rios, vencendo as aventuras mais inacreditáveis.

O mundo inteiro desconheceu tais façanhas.

Lá não chegam rádio e imprensa. Mas está sempre presente a vontade indômita do homem marcado pela cruz.

Treze missionários lamentam a falta de meios modernos para visitá-los com frequência.

UM PEQUENO AVIÃO RESOLVERIA O PROBLEMA.

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS...

O reino dos índios é constituído pelos afluentes do Rio Branco: Apiaú, Mucajaí, Ajaranis, Catrimani e o Xeruinis.

Os protagonistas: Pe. Ricardo Silvestre e Pe. Bindo Meldolesi.

O primeiro em 1956 e o segundo em 1960.

O Pe. Ricardo tragado pelas águas, descansa na terra que sentiu os seus passos.

O Pe. Bindo, continua marcando com o sinal da cruz os marcos que o outro plantou.

O homem branco viu o rosto do homem da floresta.



Não muito distante da pequena missão católica entre os vaicás, surge a missão protestante dos missionários americanos. Lá os dólares fizeram esquecer rios e canoas. Com um pequeno avião, os protestantes visitam constantemente sua missão. Isso permitiu a rápida visita do Sr. Governador de Roraima, Tenente Coronel-Aviador Dilermando Cunha Rocha e de sua esposa Dona Havany Rocha (ao centro da foto), e do então Superior Provincial dos Missionários da Consolata, Pe. Alberto Agostini (último à esquerda).

Igreja, Governo e religiões, de mãos dadas, procuram por todos os meios a sobrevivência desta gente que, sem saber que o corpo humano é um "cabide" onde se "pode" dependurar roupas... é, como nós, bem brasileiro.

Mas a preocupação dos que lá trabalham não é vestir o índio (ao menos não deveria ser). É, antes de tudo, levar-lhes medicinais, impedir que a verminose, o impaludismo, a malária, façam morrer no Brasil os representantes da raça que viu o Brasil nascer. E ensiná-los a cultivar a mandioca, o algodão e outros produtos que a terra generosa mas selvagemmente produz.

Para isso, os protestantes americanos usam o avião e contam com técnicos para a aprendizagem da língua, usos e costumes. Outros, somos nós, mandamos nossos representantes a lombo de burro ou de canoa, acompanhados por amadores. E os índios são brasileiros.

VIU NASCER O BRASIL

A pessoa que ainda não está na história e geografia

O índio, pela primeira vez, conheceu a face do ministro de Deus.

Encontro histórico entre o conhecido e o desconhecido.

Contato entre o civilizado e o primitivo. Cumprimentam-se cultura e ignorância.

Unem-se numa só fôlha, a descrição da vida e a sombra da morte; um dia ensolarado depois de uma noite tenebrosa.

A cruz que dividiu os tempos une os corações.

Os milênios que separaram a história, deixaram intacta a natureza.

Foi assim: no primeiro encontro houve suspeita, perplexidade, incerteza e dúvida. Depois, a segunda fase: serena, construtiva, humana e amiga.

Troca de presentes na base da mímica e de gestos. Sucesso! Júbilo!

Ações de graças.

Ainda uma vez, a natureza não enganou a do semelhante, acreditando sinceramente, às demonstrações de benevolência e amizade.

O que o civilizado perdeu com os tempos, o índio conserva com a idade.

Quando a canoa do missionário singrava o caminho do retorno, os índios, comovidos, após

manifestarem o desejo de que voltasse, fecharam as portas da clausura, embrenhando-se, novamente, floresta a dentro. Mas era só por pouco tempo.

Os irmãos separados em nossa frente

Não há discussão! Eles estão ganhando a "parada". Pastores protestantes americanos evangelizam com o avião.

Tomaram a sério o problema dos índios.

E os Estados Unidos dão-lhes ampla e total cobertura.

E os índios são de nacionalidade brasileira.

Com a abundância de meios, construíram em plena floresta, 5 posições estratégicas, com campos de aterrissagem, casas pré-fabricadas, aparelhos de rádio, receptores e transmissores, registradores magnéticos, aparelhos fotográficos e um frigorífico.

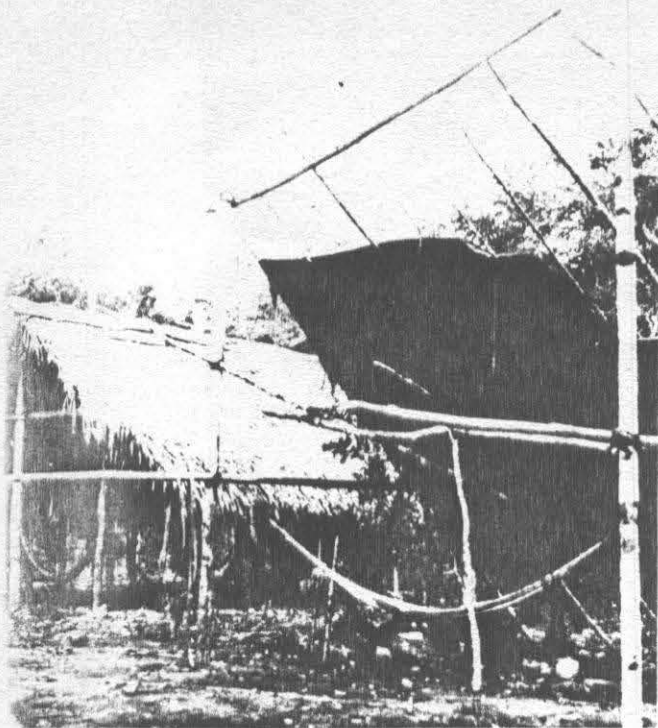
Nelas operam: 7 glotólogos, 5 etnólogos, 5 tradutores, não contando os pastores propriamente ditos. Trabalham com inteligência e amor.

Meta específica: conhecer a língua, cultura, ética, filosofia e arte.

Tratam das doenças para chegar às almas.

"Contanto que Cristo seja glorificado".

E os Estados Unidos forneceram-lhe os meios.

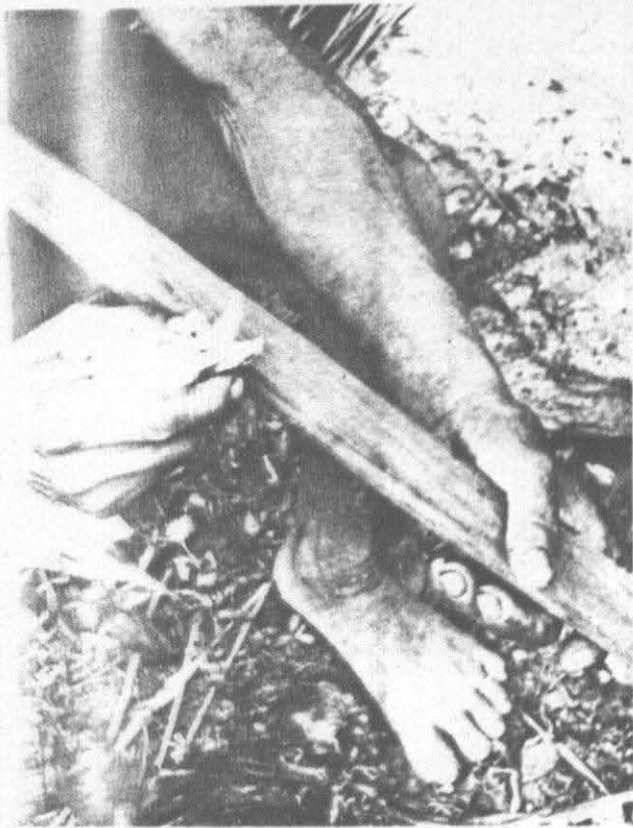


Em primeiro plano, a casa do vaicá. É tudo isso: meia-água, com tecto de palha, entrelaçado de cipó e quatro postes. Aberta por todos os lados. Nos dois postes mais fortes o vaicá estica a rede: é o único móvel e algumas panelas de barro para a feitura do beijú. Não há nenhum segredo na maloca vaicá. Todos podem ver tudo. Para o ato da união marital, os esposos se afastam na floresta. É sábio que o índio vaicá nunca dorme com a esposa na mesma rede.

Em segundo plano na foto, aparece o rancho da missão, erguido pelo Pe. Bindo. Nota-se no conjunto da foto o primitivismo destes índios. O rancho, com duas-águas, foi uma novidade introduzida pelo missionário e que alguns deles já estão copiando. Este rancho serve de albergue para os índios vindos de longe, de hospital onde o padre cura malária, de consultório onde extrai dentes, etc.



Tecendo a rede. Trabalho que compete à índia vaicá. A ambição das esposas é preparar boa "cama" para os maridos. Há dois anos não se encontrava nenhuma rede de algodão na tribo, apenas de cipó. Utilizavam o algodão para tecerem fios com que amarravam as pontas das flechas nas varas e para outras coisinhas mais. Ao contato do missionário, aprenderam a fabricação de redes mais confortáveis. Mas por ora é ainda artigo de luxo, para poucos, portanto. Artigo de luxo, são, igualmente, as tangas coloridas que os missionários deram, uma vez, a algumas donas. Usaram por enfeite, alguns dias, não por pudor.



O arco vaicá é uma obra prima. O índio se esmera em sua fabricação. Escolhe caprichosamente a madeira, raspa-a com a queixada do caitetu. Em seguida passa-o lentamente no fogo para dar-lhe rigidez e lhe dá a encurvadura justa. Com igual cuidado prepara também a ponta das flechas: algumas para a caça grossa, feitas na ponta com costela de macaco; outras de madeira, para a caça média e um terceiro tipo, de taquara, para pássaros. Usam envenenar algumas. Servem-se, para isso, duma casca de árvore oculta que as mulheres e crianças não podem conhecer. Cortam a casca e colocam-na em forma de concha sobre o braseiro. Aí, ao contato do calor, vai-se recolhendo um líquido róseo no qual banham as flechas para envenená-las.



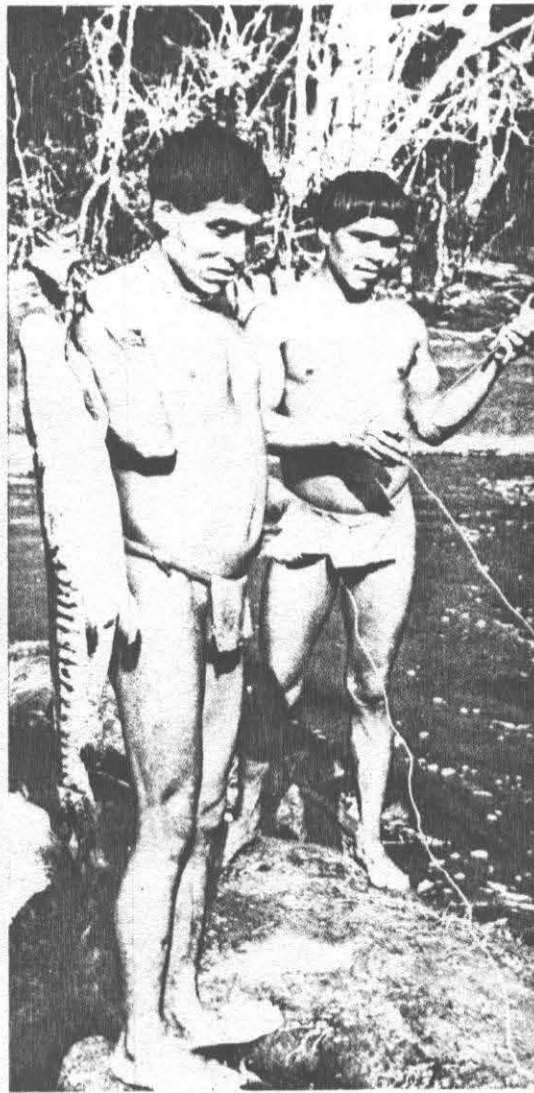


O mesmo líquido, reduzido a pó, torna-se um "rapé" fortíssimo, excitante, entorpecente. Usam aspirá-lo, em poucas porções, antes das lutas e danças. Depois disso, o índio se torna provocador, agressivo e perigoso.

O arco, assim trabalhado, é arma perigosa na mão do índio. Desde pequeno o garoto vem adestrado no seu manêjo, para, vencidos os 9 anos, ganhar seu sustento. Atingem, com mira certa, distâncias inacreditáveis.

O vaicá parte para a caça ao romper da aurora. Se fôr feliz, logo estará de volta com a caça abatida.

Mas se a sorte fôr madrasta, passa dias inteiros pela floresta, deixando a família à sua espera, na penúria.





É o Pe. Felipe, um outro "feiticeiro branco", assim definido pelos índios, pelos inúmeros casos de malária que tratou. Que físico o dos índios vaicás! robusto, de bonito aspecto. De rosto liso, sem barbas. É raro atingirem idade avançada.

Pe. Bindo, em suas visitas aos vaicás, nunca esqueceu um ponto importante de seu programa: convidar índios à beira do rio e diante deles atirar-se na água, nadar, passear de canoa e pescar. Isso os ajudou a vencerem o pavor da água. Para explicação de tamanho medo, pensou-se na piranha... sabendo-se, embora, que nem todos os rios tem piranha e que nem tôdas as espécies de piranhas são perigosas.

Segundo, porém, as últimas experiências dos missionários católicos e do pastor protestante da vizinha missão, bom conhecedor dos vaicás, a hipótese mais tranquila é esta: os índios temem espelhos, fotografias, gravadores, porque vendo sua figura, ou ouvindo sua voz gravada na película, pensam ter perdido alguma força e receiam o castigo dos espíritos maus. E assim, não podiam ver sua figura refletida no espelho das águas. Seja como fôr, o fato é que inicialmente não eram ribeirinhos. Não aproveitavam a riqueza dos rios. Alguns deles, agora, sobretudo os jovens, são bons remadores e a maioria pesca, até por esporte.





Pe. Bindo não brinca em serviço: ei-lo aí preparando o chão para o plantio da mandioca. É um produto conhecido pelo índio, já antes de seu primeiro encontro com o Pe. Ricardo (1951), mas nunca cultivado. Era a natureza mesma a cultivá-lo. E ele ia à sua procura. Onde o encontrava, armava a rede. As primeiras roças, o missionário teve de fazê-las sozinho. Mais tarde, contou com a colaboração de alguns.



Quem planta é o marido. Mas quem colhe e transporta a mandioca normalmente é a esposa. Aliás, em todas as mudanças, quem carrega (crianças menores, rede, panelas) é a mulher. O marido parte apenas com arco e flechas para enfrentar os perigos da floresta, caçar, catar frutas, mel, etc.



Ralando mandioca em pedras, a índia extrae a farinha que depois expreme num trançado de cipó. Forma, então, a massa que, secada ao sol, se conserva até por semanas. Quando a fome aperta, sobretudo em viagens, na falta de caça, amolecem porção da massa em água e fazem o beiju.



A índia menina mulher

SEM FALAR FÊZ MUITA GENTE PENSAR

9 anos casaram com 20.

Foi o casamento duma criança índia com o filho do tuxaua: 20 anos

Comovidos e mudos, sem erguer a mão abençoadora, os 3 missionários abençoaram.

Aconteceu, lá, no alto do Brasil, no Amazonas, onde o rio Apiaú se torna proibido. Entre uma tribo de índios dos mais primitivos e menos conhecidos do Brasil — os vaicás.

CAMINHO PARA O CARNAVAL

Os 3 missionários se achavam a 8 horas de caminho, na maloca do tuxaua (cacique).

Foram retribuir a visita e marcar para amanhã, ou depois, a despedida. Ficou combinado que haveria, então, às margens do Apiaú, como das visitas anteriores, mais uma edição do carnaval que os missionários ensinaram (cantos, danças, comida abundante e diversões).

Na manhã seguinte, dos vários pontos da floresta, dezenas de famílias vaicás se encaminhavam para a maloca dos "brancos". Também o tuxaua e todo o pessoal de seu centro estão a caminho.

As mulheres sobrecarregadas de panelas de barro, beijú, redes e crianças, seguem com o tuxaua.

PERDEU O SEGREDO PELO CAMINHO

À certa altura, comoveu o P. Silvano uma pequena, de mais ou menos 3 anos, caminhando penosamente, tropeçando e caindo com frequência. Passou um pouco de sua carga ao colega e apanhou-a nos braços.

Daí por diante notou uma indiazinha de 9 para 10 anos que se deslocava para perto de si, observando-o com simpatia e não se afastando mais d'ele pelo resto da caminhada.

Estava também ela carregando panelas e outras drogas envoltas numa pobre rede de cipó. O missionário chamou o intérprete Atabires e desenrolou-se um curto diálogo com a indiazinha:

- Conheces a pequena que estou carregando?
- É minha irmã.
- Por onde anda mamãe?
- Suas cinzas já pintaram meu rosto.

Atabires explica: os vaicás usam queimar os corpos dos mortos e com as cinzas molhadas pintam o rosto dos familiares e amigos do defunto. É sinal de luto.

- E teu pai? — perguntou o missionário.
- Também.
- Quem está cuidando desta pequena?
- Eu e meu marido.

Esta resposta, caída dos lábios duma criança, deixou o padre a pensar.

"A CIVILIZAÇÃO AVANÇA"

Já vários índios chegaram ao campo-base. Trouxeram macacos (o prato preferido do vaicã) e outros bichos, frutas e mel. Mulheres estão envolvendo carnes em folhagens e ajeitando todo sôbre o braseiro. Índios, preparando a bebida à base de mel. Outros, com o P. Felipe, pescando.

P. Silvano acomodou a criança em sua rêde de algodão e partiu para fotografar o movimento. A menina-mulher armou a pequena rêde de cipó perto da rêde onde dormia a irmãzinha. Encaminhou-se depois com outras crianças para a beira do rio. Todos assistiam divertidos à pescaria.

Mais tarde chega o P. Bindo e se põe a lavar. Vendo-o, a pequena achegou-se a êle e pediu o sabonete. Divertiu-se um bocado, fazendo espuma. Por fim, lavou-se com a máxima naturalidade.

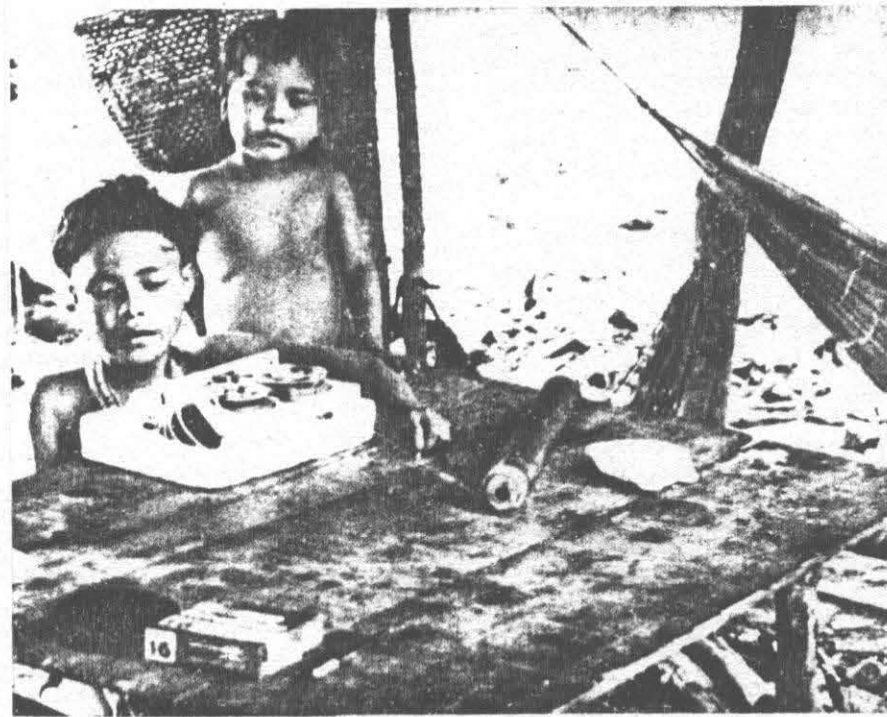
Diante disso, gritou feliz, o missionário: "A civilização avança".

NO BALANÇO DAS RÊDES

Estavam os 3 missionários, repousando nas redes, após a dura caminhada. Comentavam os fatos do dia: uma criança que se casa. É extraordinário. Também entre êstes índios. Qual terá sido o motivo?

P. Bindo, que maior simpatia goza entre êles, ficou encarregado de pesquisar sôbre o fato. É aquêle momento era dos melhores, pois todos estavam em festa.

P. Silvano e Felipe ficaram nas redes conversando sôbre a pescaria dos índios. Há poucos meses tinham pavor da água. Caminhavam muitas florestas, fugindo dos rios. Viviam apenas de caça e frutas. Agora pescam. Sofrem quando enroscam o anzol nas pedras. Depois aceitaram os convites do missionário para passear de canoa pelo rio. Os "3 brancos" todos os dias, muitas vêzes ao dia, se atiravam na





água e nadavam. Agora também o vaicá é bom nadador. Sobre tudo os jovens e as crianças. Quebrou-se o tabu da piranha que talvez os apavorava. O missionário lhes demonstrou que nem todos os rios têm piranha e que nem todas as espécies de piranhas são perigosas.

É a mandioca... mais um pouco e deixarão de procurar a mandioca pelas florestas. Os missionários já plantaram. Os índios irão colher. Depois eles próprios hão de cultivar. Brevemente morarão perto de suas rorás. Deixarão de ser nômades. E o algodão também. Viram o missionário tecer rêdes de algodão. As índias aprenderam fácil. Uns já dormem em rêdes mais confortáveis. Cultivarão também este produto. Abandonarão as correrias pelas florestas. Hão de se estabelecer à beira dos rios. Será mais fácil o trabalho dos missionários.

É a criança pedindo o sabonete do padre. Sempre viveram tremendamente sujos. E agora...

Realmente, "a civilização avança"... e os dois missionários, comentando os primeiros passos dos vaicás... passos em busca de uma vida menos selvagem, sentiam-se, embora afundados na floresta, no balanço das rêdes, os homens mais felizes e agradecidos do mundo.

UMA HISTÓRIA QUE VAMOS GUARDAR NO CORAÇÃO

Mudo e comovido, P. Bindo voltou. E deu a explicação: o

filho do tuxaua, de 20 anos, casou mesmo com a pequena de 9. Por dois motivos: 1) garantir-se uma esposa vaicá. Muitas vezes, de fato, estes índios também devem roubar môças para o casamento. Uma das causas que, no passado, levou esta tribo a entrar em guerra contra os vizinhos Ajaranis foi o roubo de môças. Tanto assim que as meninas vaicás, atingindo os 13-14 anos são praticamente escondidas. Não aparecem em festas, caçadas, nem podem afastar-se livremente da maloca. Os futuros pretendentes e os pais, zelam por elas. 2) a pequena era uma criatura diferente. Órfã desde a idade de 3 anos, teve alguma ajuda para si e para a irmãzinha recém-nascida por parte de outras donas índias. Todos esperam a morte de ambas. Efetivamente a mortandade infantil, na tribo, foi e continua sendo elevadíssima: verminose, impaludismo, malária, etc. Mas as irmãszinhas foram crescendo. Viviam na maloca do tuxaua. A maiorzinha foi "se virando". Aprendeu desde logo os afazeres da índia vaicá: ralar mandioca, fazer bijú, e ajudava a várias mães nestes trabalhos. Era então, muito querida por todos e das demais crianças muito diferente. Foi o que levou o môço a querer o casamento.

Reuniu-se o tuxaua com os anciãos para a função. Constatou apenas dum juramento: ele haveria de respeitá-la como criança até quando não pudesse ser mãe,

e matar muitos macacos para ela e a irmã.

E era o que estava fazendo.

O RIO APIAÚ MARCA O DIA DA DESPEDIDA

Deviam agora partir. Muitos motivos os obrigavam a regressar para Boa Vista. Há 40 dias os missionários cruzaram as fronteiras da civilização, no dorso dos rios. Era ainda o tempo das cheias. Os rios eram volumosos. Tragavam tôdas as pedreiras, como, aliás, tragaram também a canoa-reboque dos missionários, onde traziam a comida para a expedição. Pouca coisa foi recuperada. Passaram muitas semanas comendo apenas carnes, com pouco tempêro.

Ademais, o Apiaú já começava agora a mostrar seus dentes de pedra. As águas baixavam e as pedreiras apareciam. As correntezas aumentavam. A descida podia tornar-se perigosa demais. P. Ricardo, o descobridor e grande amigo destes índios, perdeu a vida nas águas assassinas.

Presentearam os índios com foices, machados, facões, anzóis, fios de nylon, caixinhas de fósforos (os índios daqui extraem o fogo friccionando pauzinhos secos... não estão ainda na idade da pedra). À menina-mulher, entregaram um símbolo: sabonetes, juntamente com outros brinquedos, por ter sido ela quem mais aceitou falar no gravador, cantar e explicar o sentido de muitas palavras da complexa língua dos vaicás.

DISTÂNCIAS AFOGAM A VOZ DO RÁDIO

5 meses depois. Os rios se tornavam navegáveis. Era a época das chuvas. Os 3 missionários embicaram a canoa pelo Rio Branco, depois no Mucajaí, desembocaram novamente no

Apiáú. Paravam aqui e aí, em visita às taperas de seringueiros e fazendeiros. Catequizando, batizando, abençoando, consolando. Cristo, na voz dos missionários, se derrama pelos lavrados sem fim. As distâncias que afogam a voz dos rádios, não afogam a Sua voz.

À medida que as chuvas enchem os rios, eles vão se distanciando do mundo civil e empurrando a civilização para dentro das florestas.

Na tarde do 9.º dia, mais uma vez a canoa beirava as areias brancas, onde o Apiáú forma um cotovêlo: é o campo-base, o chão onde homem algum, sem a companhia do P. Bindo, pode pisar sem perigo.

Só a choupana do P. Bindo estava de pé. As demais, construídas em seu redor, estavam destruídas pelo fogo. Nenhum índio à vista. Algo de grave acontecera. P. Bindo, voltou à canoa. Ligou o velho motor, acionou-o à alta rotação, o ronco reboou pela floresta, e a canoa foi vencendo o Apiáú. O ouvido do índio é infalível. Depois de algum tempo surgiram uns caçadores vaicás e responderam às perguntas do P. Bindo:

— Sim. Tudo foi destruído.

— Por quê?

— As cinzas da pequena mulher do filho do tuxaua pintaram o rosto de todos nós.

Fôra atingida pela malária.

Vendo inúteis as práticas do feiticeiro abandonou a maloca e chegou até à choupana dos brancos, na esperança de encontrá-los. Armou sua rede de cipó e ficou esperando pela volta dos "brancos bons" o resto do dia.



A verminose, a malária e outras doenças tropicais vão dizimando a tribo, sobretudo as crianças.

Estes índios usam queimar os corpos dos mortos, juntamente com todos os seus pertences. Os familiares e amigos mais íntimos também lançam no mesmo fogo seus objetos de estimação. E com as cinzas do defunto pintam o rosto. É sinal de luto.

O marido lhe dera comida.

À noite, um braseiro por ele preparado debaixo de sua rede, afastava o frio. Mas a febre crescia, crescia. A morte se embalava na rede com a pequena. No meio da noite, tudo parou. A rede não mais balançou.

Foi o espírito mau.

Para destruí-lo, precisa destruir tudo: bateram os machados e facões contra as pedras e os lançaram ao rio. Pannels de barro e anzóis tiveram o mesmo fim. Derrubaram as malocas e trouxeram as palhas para cima do corpo da pequena mulher e todos os fósforos dos missionários foram riscados. E queimaram o corpo da menina-mulher.

É crença: para destruir o espírito mau, tudo deve ser destruído e começar tudo de novo.

É a filosofia do vaicá.

Estava para terminar a época das chuvas. Os rios — asfalto líquido dos missionários dos vaicás — se tornam in navegáveis por 4, 5 e até 6 meses.

Os 3 missionários, após anos de solidão, voltaram para o mundo civil. P. Bindo e P. Silvano, italianos, regressaram para sua pátria e estão em cerrada campanha com os patrícios para a aquisição dum pequeno avião para Roraima.

P. Felipe, brasileiro, percorre os estados do sul do país para a mesma finalidade.

Mas temos 3 certezas, sobre estes 3 missionários:

- 1.ª) Levarão no coração esta história verdadeira da menina-mulher para contá-la ao mundo civil.
- 2.ª) Encontrarão, por toda a parte, corações generosos que não de compreender sua angústia e necessidade.
- 3.ª) Voltarão de novo para o meio dos vaicás, com redobrado ardor e entusiasmo, para começar, se preciso fôr, tudo de novo, porque esta é a filosofia do missionário.



Todo colégio é uma obra de civismo, uma oficina em que se constrói a nação.

O "BERNARDINO DE CAMPOS", do Bairro da Casa Verde (Capital), cujo diretor é o Prof. Carlos Casado, realiza esta magnífica missão.

Grupo de jovens "ALPINISTAS", estudantes do Colégio SANTANA, dirigido pelas Rvmas. Irmãs de S. José, no Bairro Santana (Capital).

São jovens cuja educação desabrocha em movimentos sociais e cristãos, especialmente em favor dos pobres.

Reunem-se no Clube "R. O. S. A." (Recinto das Obras Sociais dos Alpinistas) 300 sócias, semanalmente para o planejamento da vida cristã.



As irmãs Missionárias da Consolata celebram neste ano, o 20.º ano de vida brasileira.

O Ginásio "NOSSA SENHORA CONSOLATA" (foto ao lado) Imirim-Capital, é um dos colégios dirigidos por elas.

Educando o aluno, elas formam o Brasil de amanhã. A elas, a homenagem dos Missionários da Consolata através de "O BRASIL MISSIONÁRIO".